

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

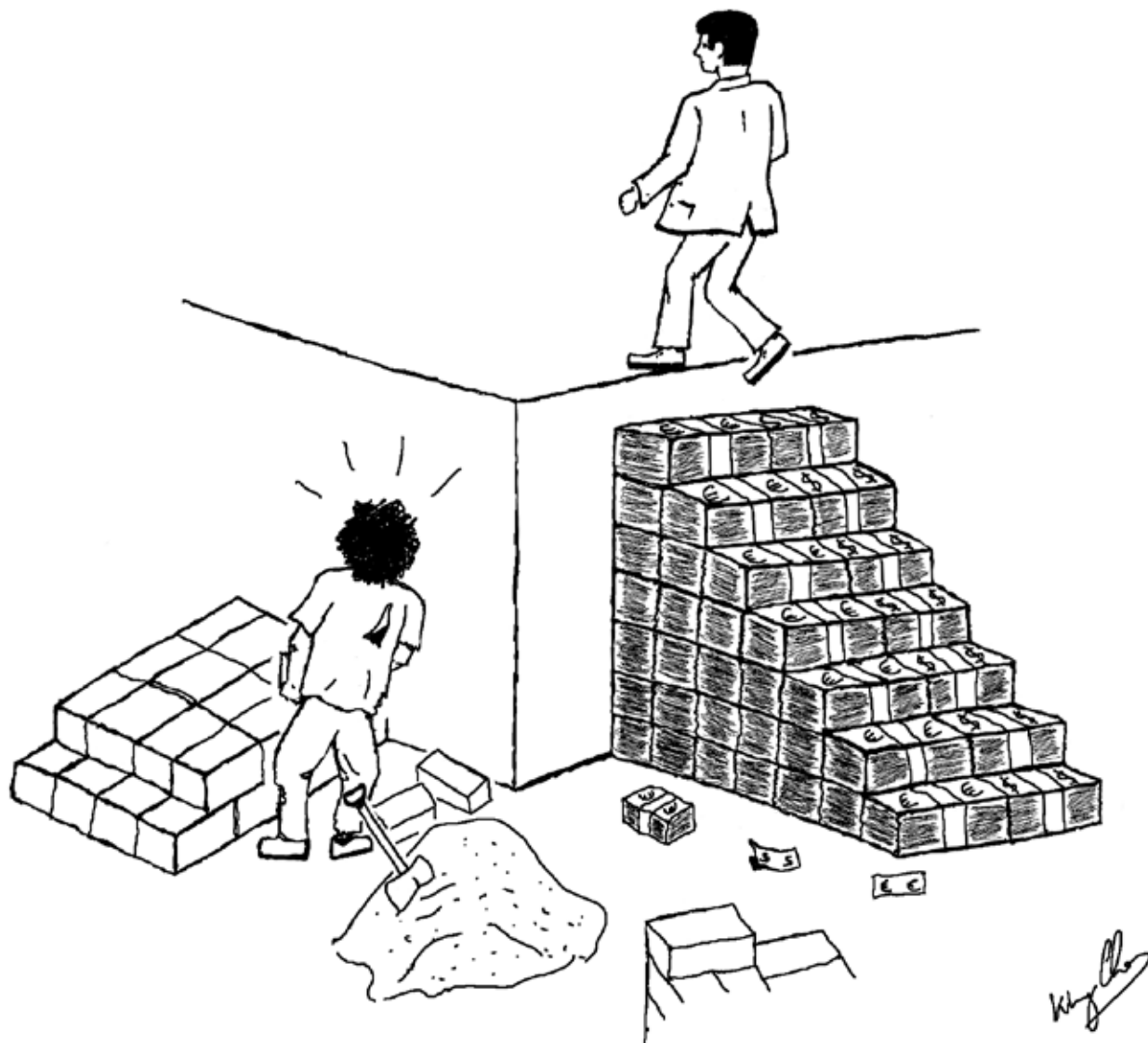
Nº XXI VI/IX Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus nº XXI

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Metzli, Mosath, Outubro

Colaboradores: Aires Ferreira, Devis, Flávio Gonçalves, José Macedo Silva, Naive, Paulo César, Vitor Vieira

Revisão: Metzli

Imagem da Capa: Amhaley – amhaley.deviantart.com

Pág.3: Sphinxboy – sphinxboy.deviantart.com

Pág.4: Sylvain – arkor-scf.deviantart.com

Pág.5: Paulo Alex – a-mar.deviantart.com

Pág.6: Teramis – teramis.deviantart.com

Pág.7: Kris – tangerinegreen1986.deviantart.com

Pág.8: Diogo Sousa – dipiriri.deviantart.com

Pág.9: Justin – justino16.deviantart.com

Pág.10: Lorena – LoRY0110.deviantart.com

Pág.12: Andrzej – endrju100.deviantart.com

Pág.13: Silvia – sivel12001.deviantart.com

Pág.14, 15: Andrew Pearce – www.krop.com/andrewpearce

Pág.16: lida Pyong Tuomi – pyong.deviantart.com

Págs.18, 20, 21, 22: Flávio Gonçalves – www.facebook.com/flavio.goncalves

Pág.19: ImpostoR – Imp0stoR.deviantart.com

Pág.23: Sinan Tuncay – aperitif.deviantart.com

Pág.25: Luis Garção Nunes – olhares.aeiou.pt/lgn

Pág.26, 27: Evelyn Edblad – exthree-photo.deviantart.com

Pág.28: Chris Ross – chrismund04.deviantart.com

Pág.30: Jack – scarecrowjack.deviantart.com

Pág.31: Lark – larkthis.deviantart.com

Pág.32: Lianne Wilson – swordblade.deviantart.com

Pág.33: Mathieu – matthiesamurai.deviantart.com

Pág.34: Mariano Villalba – mariano7724.deviantart.com

Pág.36: Simone – siem-design.deviantart.com

Pág.38: Nuno Vicente – zerplon.deviantart.com

Pág.39: Rebecca – lunastar90.deviantart.com



Editorial

Lurker

Eis o Verão! Talvez não seja o mais expectável, mas é – pessoalmente – a época do ano que prefiro. Dias longos e quentes, roupas leves e ágeis – ou mesmo nenhuma – e deleitar-me no meu elemento primordial: a água. A Natureza brinda-nos com os seus frutos, a terra brota de vida, e podemos na maior parte das vezes gozar de alguns dias de descanso. Sim, por estes dias a vida é realmente boa. Felicidade? Porque não?

Devemos deixar-nos levar pela indulgência destes frágeis e fugazes momentos da nossa existência. Tanto tempo perdemos na labuta diária, na constante quimera para atingir maiores feitos, que por vezes nos esquecemos das coisas simples da vida. Quanto vale um quente serão com aqueles que amamos? Ou quanto vale secar o corpo húmido no calor estival? Ou ainda, quanto vale passear pelos pomares e deliciar-nos com a fruta doce? Numa altura de privações, estes pequenos luxos – grátis, ainda – são o que – novamente pessoalmente – ainda me mantêm firme na convicção de viver no meu país. Outros terão riquezas, mas este tem outras coisas que valem mais do que o vil metal.

Serve isto de propósito ao tema central da nossa edição: o contexto político e social em que vivemos. Não podemos ignorar o mundo que nos rodeia, e nós Satanistas somos interventivos precisamente porque está no nosso código genético mudar aquilo em que não acreditamos, em prol das nossas convicções. Vivemos tempos difíceis, ou pelo menos assim nos querem fazer crer – mas outras privações passamos, e por aqui ainda persistimos!

Abordamos este assunto complexo sob múltiplas perspectivas, todas com

um padrão comum: serem a dos olhos de cidadãos como nós, uns Portugueses e outros de outras paragens. Todos preocupados, mas também todos com a convicção que o mundo continuará a rodar depois desta crise, até que a próxima chegue. Não nos prendemos apenas no momento também, e vamos atrás de ligações políticas onde vale a pena encontrá-las – e de tudo o resto que merece a nossa atenção.

Desta feita dedicamos a peça central desta edição a um político, como não podia deixar de ser – mas também a um amigo. O Flávio Gonçalves fala-nos de tudo um pouco, e muito mais do que pudemos deixar-vos nestas páginas. O espaço é um mestre difícil de apaziguar, mas encontramos forma de o fazer satisfatoriamente. Sobre o resto, têm bom remédio – falem com ele, ouçam o que tem para dizer, partilhem as suas histórias e bebam das palavras de quem vive intensamente. Como não poderia deixar de ser. Companheiro de muitas lutas, é um prazer tê-lo pela primeira vez nas páginas da Infernus. Espero que não seja a última.

Motivos de interesse há, e tempo para a degustar também – esta edição espera por vós, na esperança de despertar a centelha da dúvida, da reflexão, da crítica. Façam-se ouvir, não deixem que falem em vosso nome – o individualismo é o que nos verdadeiramente distingue dos animais irracionais, quer tenham quatro ou duas patas.

E entretanto, disfrutem do Verão porque ele passa rapidamente. E quando isso acontecer, por aqui nos vão encontrar novamente, para o Equinócio de Outono e a próxima edição da Infernus. Até lá, boas leituras! •



ÍNDICE

Melro Preto -----	4
<i>José Macedo Silva</i>	
O Fogo de Zeus -----	7
<i>Aires Ferreira</i>	
Para além do olhar a si -----	10
<i>Vitor V.</i>	
Mérito -----	14
<i>Outubro</i>	
Entrevista Flávio Gonçalves -----	16
<i>Lurker</i>	
FMI -----	23
<i>Naive</i>	
Hidrofagia -----	26
<i>BM Resende</i>	
Karl Marx como Satanista -----	28
<i>Devis DeV deviLs g</i>	
Mérito Económico -----	32
<i>Metzli</i>	
Filhos da Política -----	34
<i>Mosath</i>	





Melro Preto

José Macedo Silva



Era um dia como outro qualquer do mês de Abril, do ano corrente.

O tempo cheirava a Primavera que umas semanas antes nos abraçara triunfalmente; e a passarada em geral, muito nomeadamente aqueles atrevidotes de plumagem totalmente negra e lustrosa e bico amarelo (melros), ocupados na construção dos ninhos em forma de taça com ervas e lama, futuro berço das suas crias, observava-os eu, no cimo das trepadeiras e arbustos de um dos poucos ex-libris da capital (Parque Eduardo VII), e denotava-se-me à primeira vista que, até os seres irracionais, pese embora, ao contrário de nós humanos, seres de cultura e arte, apenas vivem regozijados na vida carnal, mas mesmo eles preocupam-se com o futuro da espécie. Espécie, que como todas as espécies, pode-se sentir ameaçada, seja por doenças, predadores, intempéries ou um qualquer toque da providência - intervenção do cadavérico Padre Eterno - isto para os mais supersticiosos, pois então.

Também nós humanos, podemos e devemos-nos sentir ameaçados pelos factores acima referidos que atingem o nosso amigo *Turdus merula*, mas tenho a sensação de que por vezes esquecemos a nossa eterna diferença (o uso da razão). Não quero com isto dizer que não devamos viver como os animais do campo, regozijados na vida carnal, afinal, antes de sermos Homens sociais, somos seres biológicos, que para o bem e para o mal vivemos enfeitiçados pela maior de todas as “bruxas” que já conheci: a natureza, precisamente. É por ela e graças à mesma “velhinha” que, por exemplo, fornicámos, envoltos no seu perfume natural, a que a endocrinologia ensina como hormonas, secreções glandulares da tiróide, da hipófise, etcetera.

Assim, e tal como o melro-preto, nosso vizinho comum na Europa, no Norte de África e até ao Médio Oriente, temos que nos sentir preocupados com o futuro; futuro esse, demasiadas vezes atirado para segundo, e por vezes, terceiro plano, inclusive.

Como dizia no “prefácio” da opinião, era um dia de Abril - dia 12 - igual a todos os outros, ou não fosse a chegada a Lisboa da famigerada “Troika”, assim denominado o conjunto das três instituições internacionais: Comissão Europeia, BCE (Banco Central Europeu) e FMI (Fundo Monetário Internacional), capacitadas em nos “auxiliar” no programa de ajuda externa (empréstimo

internacional ao Estado Português).

A “troika” era formada pelas três instâncias acima referidas, compostas por inúmeros elementos, e chefiadas por Jurgen Kroger (Comissão Europeia), Rasmus Ruffer (BCE) e Poul Thomsen (FMI).

O seu trabalho, desenvolvido primeiro, numa análise às condições financeiras do país, tendo como principal foco o estado dos sectores da economia com maiores dificuldades, suportado por reuniões diárias com o Ministério das Finanças.

Numa segunda fase: traduzida nas diversas semanas que se seguiram, deu-se início a um conjunto de negociações políticas com os responsáveis portugueses: governo, partidos políticos, confederações patronais, sindicatos, estabelecendo os compromissos que Portugal terá de assumir.

No decorrer das semanas que por aqui estiveram, durante o seu percurso diário desde a Avenida da Liberdade - onde se hospedaram - e o Terreiro do Paço - Ministério das Finanças -, muitas foram as dúvidas, questiúnculas, dívidas e dividendos que assolaram os três nomes que coordenaram o programa de “ajuda” a Portugal.

E porquê?!

Muito bem, porque o actual modelo económico está esgotado, nenhum país poderá sobreviver, doa a quem doer, apenas e somente custeado por um sector terciário pouco produtivo, baseado em bancos, seguradoras e agências de viagens. Todos os países desenvolvidos, são-no em regra, muito pelo peso dos sectores primário (agricultura e pescas) e secundário (Indústria) na sua economia. Excepções existem à regra

Para o bem e para o mal vivemos en- feitiçados pela maior de todas as “bruxas” que já conheci: a natureza

evidentemente, tais como a Suíça, mas não nos podemos esquecer que toda a pequena Confederação Helvética não é mais que um enorme off-shore e, o país dos cantões não é comunitário nem sofre da “doença” da moeda única, podendo a grosso modo e caso o entenda, enfraquecer o seu franco.

Apenas um caminho existe: preparar as gerações mais jovens, enlevar o ensino profissionalizante, exportar mais, ou produzir mais internamente para evitar assim as importações.

A redução das encomendas, a dificuldade de acesso ao crédito, o incumprimento das empresas face à banca, nomeadamente as PME (Pequenas e Médias Empresas), ou seja, o seu endividamento é a grande restrição para o desenvolvimento da economia portuguesa e para a produtividade das mesmas.

Quando se fala em endividamento fala-se num endividamento global; porque é o endividamento do Estado, das empresas, da banca e das famílias. Em abono do mesmo endividamento, secundarizou-se





“Todos os países desenvolvidos, são-no em regra, muito pelo peso dos sectores primário (agricultura e pescas) e secundário (Indústria) na sua economia”

a poupança, e com o endividamento português a ultrapassar os 100% da riqueza nacional, não seria difícil de antever as dificuldades, quer no volume do crédito, quer do preço do mesmo.

O tratamento para esta situação dever-se-á basear no aumento da produtividade, aumento da poupança nacional, e uma melhor preparação das empresas para o futuro.

Mas esta resposta deixa-nos uma

outra pergunta em aberto, parecendo que nunca mais acaba, numa cadeia nervosa de: pergunta - resposta - pergunta - resposta.

Como tornar uma empresa competitiva, melhor preparada para o futuro?!

Difícil num país com um tecido empresarial pobre, entenda-se como pobre: em que 90% do mesmo é composto por pequenas e médias empresas, normalmente familiares, viradas para si numa lógica de pura sobrevivência, relevando a sua própria expansão, em suma, para se tornar uma empresa rudimentar numa estrutura competitiva há que apostar na formação profissional de todos os elementos, o próprio empresário, inclusive, e aumentar os valores de produtividade mas sem descuidar a qualidade: produzir mais e melhor, uma vez que, não temos hoje em dia, como tivéramos no passado, outros instrumentos de “excitação” económica, tais como a desvalorização da moeda nacional; a acrescentar, uma política orçamental, fiscal e aduaneira restringida pela EU.

No seguimento da competitividade empresarial, não nos podemos esquecer de um ponto fulcral: a internacionalização das empresas, aumentando assim as exportações, ou produzirmos mais

para importarmos menos.

O Estado, o que pode ele fazer pela economia?!

O Estado ao contrário daquilo que se pensa, não é um criador de postos de trabalho, mas será com toda a certeza um estimulador da economia, através de diversas políticas activas públicas orientadoras da mesma, a descobrir pelo “novo” governo, tais como: uma melhor administração da justiça, um sistema fiscal evoluído e justo, e uma moderna legislação laboral, em que apesar de tudo não sejam descurados os direitos essenciais dos trabalhadores. Por exemplo: a criação de uma taxa de IRC em função da dimensão da empresa, favorecendo fiscalmente as empresas que trazem riqueza para o país, ou seja, as que mais exportam, não se limitando ao mercado interno.

Outras linhas a ter em conta:

A aposta no mar, é outro meio fundamental impulsor da economia, se tivermos em conta a nossa história passada com os oceanos, nós que sempre tratamos os mares como vizinhos de um condomínio.

O crescente endividamento só faria justificação se nos endividássemos para crescer, mas Portugal ao longo das últi-





mas duas décadas apenas se tem endividado empobrecendo.

As fortunas pagas aos gestores públicos, são a pornografia mais baixa que já se viu, um filme hardcore barato; reparem: existem gestores públicos que ganham mais que muitos chefes de estado e de governo de alguns dos países mais ricos e desenvolvidos, não só da Europa mas do mundo.

A gritante desigualdade na distribuição dos sacrifícios e partilha da austeridade: o esmagamento da classe média e pobre, em detrimento da banca que continua na nossa economia como sendo o menor pagador de IRC.

Todo este caos económico-português só se resolverá evitando a imprevidência nacional com educação, instrução e profissionalização de todos: um trabalhador/um profissional; uma defesa acérrima da maternidade/paternidade, impedindo assim o envelhecimento do país, anafado demograficamente, não permitindo que o nosso belo rectângulo à beira mar plantado se transforme, mesmo que a longo prazo, numa espécie de um "grande califado" fundamentalista, estilo Médio-Oriente, tentado no passado inúmeras vezes no decorrer de invasões e guerras perpetradas pelos "fãs" do "quarto crescente".

Outra pergunta que muitas vezes se coloca: deverá Portugal abandonar o "EURO"?!

Teria sido desejável que as estruturas necessárias ao aumento da competitividade do País tivessem sido implementadas antes da adesão ao euro, mas agora que estamos no "saco", uma saída do euro poderá vir a revelar-se como uma solução tentadora, principalmente aos olhos de um eleitorado cansado de medidas de austeridade, sucessivos PEC's e uma total descrença para com a classe política, quiçá, os mais responsáveis por toda esta situação, mas, analisados os prós e os contras, a saída do euro levar-nos-ia para uma divisa barata, que não promove só por si a cura da doença, apenas trata os sintomas, mascarando-a, arrastar-nos-ia para uma outra e consequentemente bem mais grave doença: encerramento temporário do sistema bancário, incumprimento da dívida externa, saída provável da União Europeia, aumento da inflação.

Como este artigo é/ou também será um artigo de opinião, sinto-me tentado a deixar a minha pincelada na aguarela, a minha "impressão digital", aqui sob o ponto de vista menos técnico e mais ético.

O problema português é o resultado de tudo o que acima foi dito, mas é igualmente um problema ético, e assim, fez-me recordar um "velho" pensador

do leste: *Piotr Kropotkin*, geógrafo, escritor e pensador libertário, nascido em Moscovo a 21 de Dezembro de 1842, "pai" da escola anarquista, deambulador por entre o mutualismo e o evolucionismo, e da sua *opus magnum A conquista do Pão*. Nele Kropotkin, baseava a sua concepção social de que o critério para o consumo não estava no trabalho mas na necessidade, defendia assim um sistema de distribuição livre da produção, não sendo possível medir a contribuição isolada do indivíduo na produção social, logo a culpa é de todos e o bem a distribuir-se, seja por todos de forma equitativa e igual; desejava uma sociedade orientada para o consumo e não para o lucro, e que a cooperação é o factor chave na evolução paralelo à competição, contrapondo a grosso o darwinismo social, no sentido de que, não podendo todos competir com as mesmas armas e meios, a competição desmesurada entre diferentes indivíduos e sociedades levaria à extinção dos mais fracos.

A finalizar, e como dizia Lurker (Associação Portuguesa de Satanismo) no último e excelente parágrafo da introdução à edição portuguesa de *A Bíblia Satânica* de Anton Szandor LaVey, com edição a cabo pela Saída de Emergência, e que tomo a liberdade de transcrever: "...Não deixem que outros o façam e

"O Estado ao contrário daquilo que se pensa, não é um criador de postos de trabalho, mas será com toda a certeza um estimulador da economia"

tomem o vosso destino nas vossas próprias mãos - tendo sucesso ou não, percorremos o caminho que escolhemos. O nosso percurso é claro - e o vosso?", penso que, se não mudarmos urgentemente as mentalidades e as políticas e políticos que têm grassado o nosso país, sinto-me tentado a proferir ultimando este artigo igualmente com um ponto de interrogação: - Onde estás tu, oh belo melro-preto, tu que sabes mais de futuro que qualquer outro tecnocrata, não quererás tu, por ventura, ser o meu "economista"? •



O FOGO DE ZEUS

Aires Ferreira





Todo os meus raciocínios são torne-
ados
para que te fiquem nesses cornos
bem marcados.

E como gatos assanhados,
vamos os dois combater pela razão.

Não, não! Quero lá eu saber se fico
por cima,
faço-o sem nutrir, por ti, qualquer
estima.

Não me sei se peão se cavalo,
talvez bispo sem batina
numa xadrezada vital.
Tal rei que nada de real tinha,
quero a minha paga, paga em farinha.
Quero o dobro, do que estava,
na anterior casinha.
Sempre a dobrar.
Sabes o quanto me tens a pagar?

Doi, não doi? Custa pensar.
É complicado multiplicar...?

Vá, mais directo agora anormal,
sempre em linha. Recto. Até ao final.

Esquece tudo o que sabes.
Fica sem sair, fuma até cair.

Saberás-te quando curado,
pois estará-te na carne cravado
um novo estado sem governo.
Onde tu, sendo grande ou pequeno,
bonito ou mesmo mesmo mesmo
muito feio,
terás liberdade sem amigos do
alheio!

De novo a alma na função certa.

Esquece tudo o que sabes.
Fica sem sair, fuma até cair.

Começando pelo fim,
vamos reduzir os que estão a nascer.
E nenhum ser humano o será
enquanto não souber ler e escrever.
O estudo jamais estudado,
livre de pensar manipulado.

Esquece tudo o que sabes.
Fica sem sair, fuma até cair.

*"Mau-Maria!
E o que leva à violência? Porque não lhe
pomos fim?"*

Pergunta aos teus cientistas,
mas cá para mim,
são falsas todas as conquistas.
O que é que tens, anedota?
Vota, vota.
Acreditas ser o mais importante,
mas vales só uma nota,
que arde com o fogo.

Esquece tudo o que sabes.
Fica sem sair, fuma até cair.

Se é certo ou errado? Talvez dês por
perdido o conquistado,
bastantando apenas um tremor na
inteligência emocional
e o que estava bem, fica mal.
Fica-te mal.
Ouve, caso mal-parado,
eu sei que não queres saber
porque já te tens tão bem pensado,
e não há mesmo nada a ser mudado
- que não o guarda-roupa bem pas-
sado.

Esquece tudo o que sabes.
Fica sem sair, fuma até cair.

*"Eu só me quero divertir,
tanta estrada para colorir
com a minha presença
e tu nesta constante desavensa
de quem tem pouco que fazer
e pressa em morrer!"*

E porque precisas tu de rir?
Se deitar-te na terra,
de onde vens e para onde vais,
é coisas que fazes a fugir,
só quando, eventualmente, caís.
Ama o chão, pois não tens maior ir-
mão,
contigo.

E estou certo, farás, eventualmente,
o que te digo,
pois morrerás, acredita-me, muito
antes do jazigo.

Nada importa, o tempo não faltará.
Sabes quase tudo, do a e i o u ao bê
à bá.

Com net, de banda larga, a alta ve-
locidade,
ninguém mete carga pesada nessa
albarda!

*"Nada importa,
enquanto a mão do povo vota".
E tu vales só uma nota.*

Roubei o fogo, o mesmo do agrilho-
ado,
e sujeito a mesmo destino,
vejo-me enterrado por um pássaro
em forma de gambozino,
que me diz:

Terás que tirá-los das sombras.
Mas ó pássaro, já lhes dei com ele
nas trombas, e nada.

Não interessa a estrada, mas sim o
destino.

Obstino que não quero mesmo saber.
Pois, mas não deixas de fazer, saber,
a verdade!

Isso é só porque todos os dias me
deito tarde.

E sem ninguém que te guarde...

PUM!
Foda-se para o galináceo,
prefiro pedras a aço ácido.
Afinal, o fogo de zeus arde-me nos
pulmões,
e em convulsões sai-me pela boca
fumo negro
que para ti é grego, mas que com o
tempo, irá triunfar. •



A full-page background image showing a person from behind, climbing a steep, light-colored rock face. The person is wearing a black t-shirt, black shorts, and black climbing shoes. They are positioned on the left side of the frame, with their right leg extended downwards and their left arm reaching out. The ocean is visible in the background, stretching from the base of the cliff to the horizon. The sky is clear and blue. The overall scene conveys a sense of adventure and looking beyond one's current position.

Para além do olhar a si

Vitor V.



Pensar em Satanismo não comumente significa pensar numa rígida posição política. Até mesmo definir uma que dê conta de bem se relacionar com as ideias propostas pela literatura da religião é algo um tanto quanto complicado; estamos a falar da religião do “eu”, e não a religião do coletivo, do grupo. Como se dá então esta relação entre política e as proposições da religião Satanista?

Individualismo. Está é a palavra-chave dentro da religião Satanista e o maior atractivo no que diz respeito às suas proposições de conduta. Se pensarmos no contexto histórico onde se dão as primeiras manifestações, nomeada e organizada, Satanistas, nada mais justo que valorizar a figura de um indivíduo, humano, carnal, que somente através do auto-reconhecimento da sua natureza e da sua condição de um se poderia libertar de amarras morais religiosas. O arquétipo de *Satan* colocou-nos em primeiro plano; a nossa mente é o nosso guia, a nossa vida é a nossa dádiva, a nossa liberdade é inquestionável.

Tudo isto se aplicava perfeitamente ao leitor da época, e ainda aos dos dias de hoje. Depois do período de contacto e reflexão, temos assim um convicto Satanista, ciente das suas capacidades, das suas vontades, da sua liberdade. Isto, entretanto, não nos sugere uma visão mais ampla.

Não vivemos numa ilha, isolado cada indivíduo de todo um mundo ao seu redor; esta não é uma ilusão satanista. Mas a religião na sua literatura não vai além do pensamento voltado para si. Isto significa dizer que não há de forma clara, precisamente direccionada, como pensar o todo social, como pensar o coletivo: como nos posicionar-mos politicamente. Entretanto, com o dito, vem o não-dito...

Com toda esta valoração positiva do indivíduo, acabamos por construir algo como um “super-indivíduo”. Não, não se trata do super-homem de Nietzsche. Existe uma considerável margem de interpretação em relação a este indivíduo satanista, e muitos equívocos daí podem surgir.

Pensando em termos de superioridade a arrogância e a prepotência acabam por nortear as acções. Esta unidade do indivíduo torna-se inquebrantável a ponto não dele talvez crer que não precise de ninguém ao redor de si, mas ao menos de buscar uma auto-suficiência que o distancie o máximo possível do próximo, do outro. Esta mesma unidade

de manifesta-se através de uma perigosíssima crença no facto de que este indivíduo seja o mais “único” da face da terra. Trocando em miúdos, sente-se tão seguro de si, que não compreende uma máxima difícil de ser questionada: o homem é fruto do seu meio. Para o Satanista vislumbrado com toda a liberdade proposta pela religião que lhe fora negada ao longo da vida, cada acção sua torna-se a primeira, cada pensamento seu o mais genial; e toda uma sociedade se encontra à mercê das suas vontades, e ele o crê de facto. Surge assim um individualismo utópico, metafísico, desnecessário; um individualismo onde o “eu” é entendido como a instância primeira de todas as coisas, sendo assim ignorada a premissa primordial de que absolutamente tudo o que nós pensamos, de alguma forma, veio daquilo que nos é exterior através da mediação da linguagem num meio de comunicação social. Isto é, o que eu penso, a forma que ajo, e até mesmo a língua que estão em potencial já activas e presentes antes mesmo da minha existência. O que, naturalmente, não se trata de determinismo. Seria, em absoluto, contraditório dizê-lo, com vistas na religião Satanista. Mas há uma diferença significativa entre o olhar do sujeito diante de

*“Isto significa dizer
que não há de forma
clara, precisamente di-
recionada, como pen-
sar o todo social, como
pensar o coletivo:
como nos posicionar-
mos politicamente.”*

si mesmo e a configuração do indivíduo num meio social, numa cultura, numa organização política e económica tal qual temos hoje.

Ignorar este último leva-nos também a perceber algo a mais presente nas entrelinhas das literaturas satanistas básicas. Para tal, convém pensar nas figuras do delator e do cúmplice. Se pensarmos numa situação hipotética como testemunharmos um crime, ou podemos actuar contra o criminoso, denunciando-o, ou podemos actuar, ainda que por omissão, a favor dele, poupando-lhe a denúncia. Ora, não há neutralidade. Em nada. Nem na menor das expressões; escolhemo-la em função de outra. Olhar o mundo sob um prisma é necessariamente deixar todos os outros possíveis de lado. E como não somos como o barbudinho cristão, gozando da sua onisciência, não há como escapar disto. E o que tudo isto tem a ver com política e satanismo? Simples: se o satanismo não coloca em xeque de forma específica o *status quo* do seu tempo, está de alguma forma sendo conivente com ele. A frase pode soar um tanto quanto agressiva, mas não há como pressupor qualquer questionamento presente na religião no que tange à configuração política e económica que a cerca; logo, tudo pode ficar como está. Seria possível ainda argumentar: ora, o que há é a possibilidade de escolha de cada um, e não necessariamente uma manutenção de quaisquer valores. De facto...

Mas e se pensarmos em termos, por exemplo, do carácter meritocrático presente na Bíblia Satânica? Quantos de nós já não pensamos: ora, se alguém consegue colher bons frutos, foi por ter plantado boas sementes. A própria importância claramente marcada dentro do sistema religioso satanista da relação entre acção, consequência e responsabilidade individual leva-nos a isto. Mas se levamos isto para um plano concreto social, será que de facto não estamos, ainda que bem nas entrelinhas, no não dito, inconscientemente, a realizar a manutenção dos bons frutos para os que têm boas sementes e deixando de lado o questionar se todos podem ter acesso a elas? Não é preciso, por exemplo, ler a obra completa de Marx, nem muito menos levantar a bandeira do comunismo, para entender que na mais primária relação entre patrão e empregado surge a mais-valia, elemento este que origina em última instância toda e qualquer desigualdade social. Não sejamos hipócritas, a realidade é: há os que têm, e os que não têm. Em termos individuais é fácil julgar e condenar aquele que não conseguiu colher bons frutos na vida. Tal pensamento também nos leva



a adoptar um discurso de coerção máxima contra a criminalidade, o que se tem bastante em voga ultimamente cá em terras brasileiras, que deixa de lado, entretanto, a reflexão mais profunda de que a criminalidade não se origina do nada. A violência das grandes cidades não é uma expressão de uma incapacidade étnica, ou um problema cultural, mas estritamente a consequência directa e seca de um abismo social que há entre as classes mais abastadas e todo o resto de uma população pobre, quando não, ainda que em minoria, mas existente, miserável.

Em suma, pensar em política numa análise estritamente individual é não

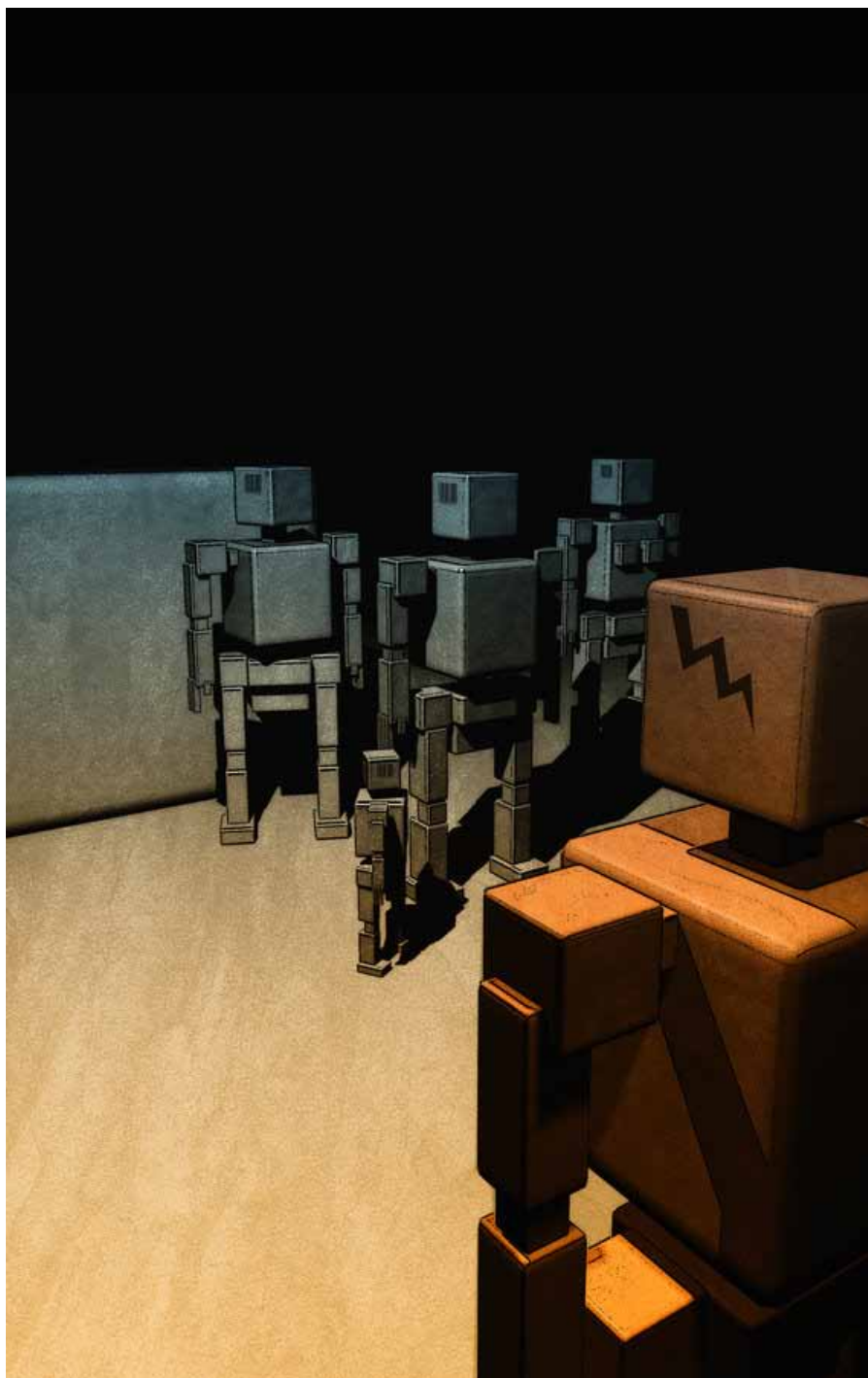
dar conta de um objeto de análise de dimensões macroscópicas, não chegando assim a níveis de reflexões tais que me permitam questionar certos pontos. E caso façamos parte do grupo dos sem sementes, é exactamente isto que os outros querem. A quem controla a massa, só interesse que esta assim permaneça, acrítica, alienada.

Mas, pensemos agora num estágio, digamos, mais avançado de reflexão. Suponhamos estar eu com os meus pensamentos, reconhecendo os problemas sociais que me cercam, conseguindo de alguma maneira precisar as suas origens... Vale a pena lutar contra isto?

Uma típica resposta satanista seria:

se isto de alguma forma lhe trará benefícios, siga em frente! Se ampliarmos nosso horizonte e compreendermos circunstâncias políticas, sociais e económicas como instâncias indissociáveis da nossa vida e modo de pensar, fica muito claro que mudanças nestas que visem um bem-estar próprio são totalmente válidas. Mas e quando este bem-estar também é o do outro? Isto é, estas mesmas mudanças também, de alguma forma, seriam sentidas por outros além do próprio indivíduo. E então voltamos ao ponto inicial: vale a pena? Pois em primeiro lugar, pensando em qualquer que seja o problema, não há como negarmos a força do dito popular: uma andorinha só não faz a Primavera. Lutar por causas que estejam para além do indivíduo, envolvendo instituições, sindicatos, ou qualquer outro grupo social, depende de uma colectividade mínima, de uma acção em conjunto. Ora, se seremos muitos, que importância tenho eu? O mesmo tipo de reflexão podemos levar para a própria democracia como um todo: que importância tem o meu único voto? Se me abstenho completamente do processo eleitoral, não influenciando de forma mais abrangente um grande número de pessoas, que valor tem a minha voz? Ou ainda, chegamos a máximas como: a democracia nada mais é que senão a exclusão da minoria. A participação política torna-se então cada vez menos atraente a uma sociedade cujos governos, corporações e instituições reduzem o indivíduo a quase nada. Ou mais do que isto. Cada um tem de construir a sua vida, lutar para conseguir o seu dinheiro, o seu desenvolvimento profissional, enfim, em meio a tantas obrigações e necessidades a nós imputadas num mundo de frenesim, não há tempo e/ou disposição suficiente para participações mais activas. Sem falar na situação de nos vermos numa luta por todos, mas onde nem todos lutam. Isto é, enquanto uns se dedicam por uma causa, outros, que serão através dela agraciados, simplesmente cruzam os braços. Se lutar para si já é algo complicado, que dirá pelo próximo, quando este não demonstra qualquer interesse em fazê-lo!

O mundo leva-nos a ignorar os problemas: seja através de necessidades cada vez mais individuais; por conta do distanciamento entre as pessoas típico dos grandes centros urbanos; devido a uma ausência de um norte moral e/ou religioso como se tinha antigamente; graças à construção ideológica de uma busca por uma unidade cada vez mais "única", mais individual, mais pessoal por parte de cada pessoa, resultando assim numa luta por espaço, por reco-





nhecimento, por exposição; através da grandiosidade do governo e das grandes instituições instaurando-se como forças sociais de grandeza infinitamente maior que a de um único indivíduo; entre outros.

Em síntese, eis a situação: se o Satanismo por si não se posiciona, sendo conivente assim com a situação actual, ainda que se desejasse questioná-la, encontramos-nos numa complexidade tal de circunstâncias históricas, sociais, políticas e económicas, que por conta das quais uma participação política mais activa se faz algo cada vez mais dificultado. Podemos até, por exemplo, citar o fenómeno da internet, que por sua vez em muito pode auxiliar as pessoas a atingirem a colectividade que todo o movimento social de questionamento precisa. Mas trata-se por enquanto de uma ferramenta ainda pouco explorada, contra todo um mundo de gigantes sociais muito bem estabelecidos.



Mas não é o Satanismo a religião que valoriza o homem? Isto não significa ir além de um simples reconhecimento individual, mas, por sua vez, essencialmente humano? Se o culto a *Satan* é um culto ao homem, não deveríamos então buscar sempre melhorá-lo? Não pode o pensamento individualista manifestar-se não somente como o olhar do satanista para si, mas para todo e qualquer próximo seu? Ora, não se trata aqui de uma irmandade mundial, nem muito menos uma pregação vazia de altruísmo. Mas valorizar o universo de infinitas possibilidades que é o meu "eu", não é fazê-lo também necessariamente com relação ao meu próximo? Afinal, não somos ambos humanos?

Ora, o Satanismo, se por um lado mantém-se calado em certos aspectos, noutros se mostra extremamente avançado, até mesmo em termos políticos, não tendo se proposto a isto. Pois não rejeitamos, por exemplo, o racismo? Não respeitamos o próximo por conta dos seus actos e pensamentos, ao invés de julgamentos vazios etnocêntricos? Não há acima de tudo o homem a ser venerado? E o que dizer então das liberdades sexuais expressas pelas proposições satanistas de conduta. Não é uma forma também de respeitar, entender e reafirmar a liberdade do outro? E mais ainda, por não se colocar o Satanismo como verdade última de toda e qualquer questão na vida do indivíduo, não estamos assim a respeitar a liberdade de acção e pensamento do próximo, sendo tais princípios básicos para uma boa convivência em sociedade?



Penso que o Satanismo tem valores completamente aplicáveis aos mais distintos posicionamentos políticos, e que, independente de quais sejam, se assim baseados, muito têm a oferecer em termos mais amplos, indo além do próprio bem-estar de um único indivíduo. Naturalmente, todo e qualquer esforço que não visasse um bem o máximo possível exclusivamente pode ser facilmente talhado com um seco: esta é a minha vida, só a tenho, não perderei o meu tempo com absolutamente nada que não seja a minha satisfação. O próprio Satanismo em si não apresenta dogmas ou valores que tornem a posição inválida dentro do seu sistema...

Mas seria isto tudo? Como sempre, somente você, leitor, pode responder a esta pergunta. E, seja qual for a resposta, pergunte também a si mesmo: qual a grandeza do templo no qual ergui o monumento do homem e da sua natureza, sobre os escombros de todos os deuses mortos do passado? •


"Esta unidade do indivíduo torna-se inquebrantável a ponto dele não talvez crer que não precise de ninguém ao redor de si, mas ao menos de buscar uma auto-suficiência que o distancie o máximo possível do próximo, do outro."




MÉRITO

Outubro

*Feitiço quente e lento
de conquista.*

*Silencioso de tão de-
morado*

Meu paradoxo.
A candura e disciplina feroz da
besta.

Eis a febre que a liberta e a alimen-
ta.

A vitória perene que não é meta
Mas o próprio rosto da jornada.
Metamorfose de erros
Com que aprendo
Me concilio
E me construo.
Ele é o homem e a mulher real.
Resiliente, flexível, mutável e flui-
do.

Imortal.
Ele é a guerra e a paz
A ira e a calma
A escuridão e a luz
A compaixão.
E a inclemência.
O detalhe precioso da diferença.
O detalhe furioso da curva,
Que não semeia a dúvida
Preferindo fazer desta semente da
razão.
Ele NÃO MENTE.

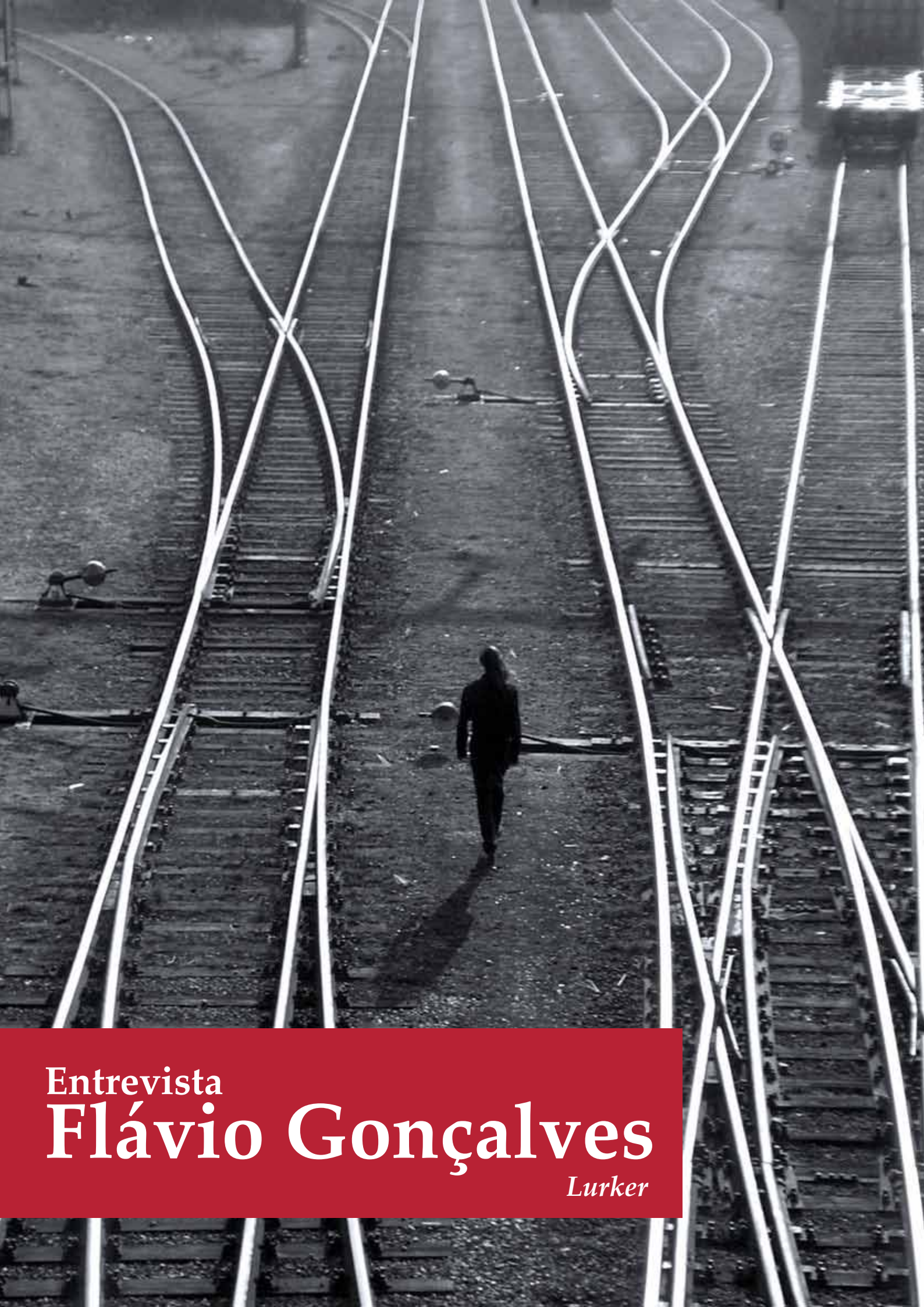
Pois prefere odiar a fraude da ideia.
Que fazê-la confundir com a alma
dela,

Decorando-a de belos epítetos
Ele não manda pensar – pensa.
Autoriza-se, autoriza-nos.
Não tem cérebro postiço
E se acaso nomeia algum,
Faz por não se demitir da gentileza
de o louvar.

Diz-nos da justiça de bolsos unt-
dos.

Que exijamos que a lavem.
Diz-nos da política suja,
Que exijamos que a limpem.
Não nega as escarpas e as tormen-
tas

Que precedem a bonança.
Muito menos as lambuza de paz.
E se acorda com uma ideia.
Toma um café...
E anota-a de mansinho.
À vitória invisível não poupa
Discretos aplausos.
Aprecia remédios
E não delongas
Alívios
Pensos rápidos.
Pachos quentes.
Ungentos e consolos
Mas é demorado.
Demorado, construído,
E conciliado,
Este meu tapete mágico.
E eu não gosto de cadáveres a chei-
rar a Aramis.
Nem do porco-Estado-cirrótico.
Quero-me inteligente e beligerante,
E que esse mérito se faça valer com
o tempo,
o vento e as tempestades...



Entrevista
Flávio Gonçalves
Lurker



Companheiro de muitas lutas, o Flávio é acima de tudo um individualista. Alguém que tem sempre uma (boa) história para contar, um político de ideias convictas (e precisávamos de mais uns quantos assim) e um concretizador de muitos projectos dignos de mérito. Tudo motivos mais do que válidos para, ainda antes das eleições do passado 5 de Junho, falarmos com ele sobre tudo o que nos apeteceu... e mais algumas coisas.

Apresenta-nos o Flávio Gonçalves a quem não te conhece.

Creio que a minha faceta mais pública será a de colunista e activista político, mas sou um açoriano multifacetado, autor, editor, tradutor, revisor, músico falhado. Um espírito livre que tem dedicado a vida ao ideal e à acção. Há quem me chame de intelectualmente excêntrico e politicamente esquizofrénico, não posso dizer que o considere ofensivo.

Como te definirias do ponto de vista político?

Anarquista, de tendência assumidamente eco-anarquista e primitivista, embora tenha colaborado na elaboração da Internacional Nacional-Anarquista, acabei por me distanciar quando os preceitos desta se afastaram da sua origem cultural, defendida, entre outros, por mim, Hans Cany e Peter Töpfer, e foram sequestrados, como a maior parte das ideologias europeias, por grupelhos racistas anglo-saxónicos. Em Portugal vou beber aos ideais libertários e anárquicos de Agostinho da Silva, João Camossa e a Rolão Preto, da fase sindicalista revolucionária.

Quando foi a primeira vez que te preocupaste com o cenário político no nosso país?

Teria uns 14 anos de idade, nessa altura existia uma cultura imensa de DIY em Portugal (*Do It Yourself*) e existiam fanzines para todos os gostos, na altura era assinante da *Crack*, uma zine anarquista, ocupa e pró-zapatista, que me alertou para outras realidades, embora tenha acabado por militar mais à Direita, mais concretamente nas Gerações Populares do Manuel Monteiro, antes destas darem lugar à actual Juventude Popular.

Apresenta-nos um pouco o teu percurso do ponto de vista político.

O meu percurso tem sido bastante errático, já militei em vários partidos,

concorri a deputado até agora nas listas do PDC, do PDA, do PPM e do CDS/PP, fui conselheiro nacional do PNR e da Juventude Popular (até uns meses antes do CDS/PP ir para o governo, altura em que me demiti, vendo quão bem sucedidos se tornaram os meus colegas de então, grandes empresários e deputados populares, de quando em vez sinto um certo arrependimento, é certo). Fui também fundador e tesoureiro da ACINTERPRO – Associação de Classe Interprofissional, sindicato comunista libertário extinguido pelo governo em 2007. Resumindo, da extrema-esquerda à extrema-direita vivi uma juventude plena de utopias e activismo até atingir o actual estado de avaliar a política mais com base naquilo que os seus intervenientes fazem de facto do que naquilo que afirmam defender.

Como vês o cenário em que Portugal se encontra hoje?

Sendo um país cuja população padece, goste-se ou não, de uma falta crónica de cultura democrática creio que os portugueses têm a crise, os governantes e os políticos que merecem. Para críticas mais profunda, sugiro que leiam a minha coluna semanal no *O Diabo*, onde tenho fundamentado os vários pontos basilares da minha teoria.

Quais achas que foram os principais factores que levaram a esta situação?

O principal foi esvair-se o sangue pátrio pelo Império, daqueles portugueses de outrora, corajosos, dinâmicos, conquistadores que deram novos mundos ao mundo, nós não somos descendentes desses portugueses, somos dos outros, da ralé que ficou para trás. Para além do que referi anteriormente, e do chico-espertismo, da cobardia e da inveja natas do nosso povo, foi com a entrada na União Europeia e consequente perda de soberania e autonomia económica. Um Portugal europeu, de costas viradas para o seu passado im-

perial e universalista foi o princípio do fim, aliado à má aplicação dos fundos europeus que recebemos para modernizar o país e à banca e aos capitalistas mais esfomeados e usurários da Europa, criou-se um suicídio colectivo. E estamos apenas no princípio, ainda não chegou a fome.

E responsáveis, quem são?

Perdi boa parte da vida a culpar os políticos e a banca, contudo apercebi-me que os principais responsáveis somos nós, o povo, quando votamos PS ou PSD, quando nos abstemos, quando desabafamos no café e com o taxista mas nada fazemos, os culpados são os portugueses. É verdade que o actual sistema capitalista nos escravizou, qualquer jovem que saia da universidade e compre casa perde a liberdade durante 40 anos, mas vejam Europa fora, partidos que nunca tiveram expressão ou foram fundados há meses conseguem aceder aos órgãos de poder, às assembleias nacionais. Sucursais bancárias são incendiadas ou apedrejadas, a Europa renova-se, Portugal desaparece, talvez à espera de D. Sebastião.

Como achas que podemos inverter esta situação?

Com uma substituição populacional... Bom, agora a sério, intervindo na vida pública, evitando votar nos mesmos de sempre é o primeiro passo, começar a deixar de olhar para os partidos como se fossem clubes de futebol, aqui não há fidelidades dessas, se governa mal penaliza-se. Portugal tem 14 partidos e somos governados desde o 25 de Abril por 4 deles, nos últimos anos por 5 (com o advento do BE), não acham que está na altura de “comer” outra coisa? E, claro, substituir a actual cunhacrocacia por uma meritocracia, embora pareça utópico.

Qual é a solução para a crise?

Abandonar a moeda única, sair da

“Um Portugal europeu, de costas viradas para o seu passado imperial e universalista foi o princípio do fim”



União Europeia. Não há solução para a crise dentro da Europa, no 2º número da *Finis Mundi* o ex-ministro das Finanças alemão, Heiner Flassbeck, explica-o de modo resumidamente brilhante. Ficando na União Europeia, só haverá uma solução quando houver um governo europeu de facto, um ordenado mínimo europeu e uma lei laboral comum a todos os Estados bem como um Senado Europeu onde todos os Estados tenham igual poder de voto.

Pode Portugal voltar a ter o esplendor de outras épocas?

Sim, com algum esforço e boa vontade. Não é utópico nem impossível, estamos no fim de uma era, muitos místicos nacionais estão convictos de um porvir português, veremos se a crise que se aproxima ressuscita o nosso mítico “desenrascanço” e resulta numa verdadeira Renascença Portuguesa.

Como vêes as próximas eleições legislativas?

Como a confirmação de uma ditadura oficiosa, as televisões, embora seja contrário à lei, decidiram segregar os partidos extra-parlamentares, os 5 do poder vão debater uns com os outros com a segurança e o conforto dos partidos anti-sistema serem mantidos à distância. A data marcada para o prazo não foi inocente, a maior parte dos pequenos partidos, que não tem funcionários a tempo inteiro e nem recebem dinheiro do Estado, tiveram que depender da boa vontade do funcionalismo público e dos correios para recolher todos papelinhos necessários para apresentarem candidatos, ora bem, o prazo acabou precisamente depois

dos dois feriados, um fim de semana e um dia de tolerância de ponto (dois, na Madeira), ou seja: a maior parte dos partidos de alternativa nem vão concorrer em todos os círculos nacionais!

E tudo isto para se reeleger Sócrates ou um governo de Bloco Central (PS/PSD)? Mais valia Cavaco Silva criar logo um governo de iniciativa presidencial com os dois partidos e sempre se poupavam 18 milhões de euros.

Vais votar?

Vou, é o único direito que a actual ditadura cleptocrata ainda não nos roubou. Nem que seja porque sou candidato a deputado.

Quem achas que será o próximo Governo?

Um Bloco Central PS-PSD que talvez inclua o CDS/PP para dar um certo colorido legitimador.

E se fosses tu o Primeiro-Ministro, quais eram as primeiras iniciativas que tomavas?

Uma revolução à islandesa: não pagamos as dívidas da Banca! É certo que a Holanda e o Reino Unido colocaram o governo islandês em tribunal, mas vejamos o lado positivo: a Islândia recuperou a sua economia em dois anos! Sem FMI, sem BCE e sem União Europeia, bastou bater o pé aos bancos. Por cá só uma pessoa o fez até hoje: Pedro Santana Lopes, infelizmente ninguém se lembra mas eu tenho boa memória, Santana Lopes foi aquele raro governante com coragem para aumentar os impostos à Banca... o seu governo caiu menos de uma semana depois disso. Coincidência?

“Abandonar a moeda única, sair da União Europeia. Não há solução para a crise dentro da Europa...”

Instauração de um regime de democracia directa por intermédio de referendos populares, ao estilo suíço. Por fim acabaria de vez com a antedemocrática lei que obriga à recolha de 7.500 assinaturas para a criação de um partido, na Europa não há outra igual. Creio que seria uma boa primeira manhã de trabalho.

Como vêes a promiscuidade entre o poder económico, o poder político e o poder judicial?

É fruto directo da falta de ética nascida da cunhacracia e do amiguismo, acabe-se com estes e está resolvida a questão.

Qual é a tua opinião sobre a revolução de Abril?

A minha opinião costuma irritar tanto a Direita como a Esquerda: qual revolução? Os deputados que eram da União Nacional no dia 24 de Abril deitaram-se no dia 25 de Abril como legítimos militantes do PS e do PSD. As elites dirigentes que animavam as revistas do Jet 7 antes do dia 25 são as mesmas de hoje. Uma revolução supõe uma substituição das elites, não existindo fica tudo na mesma. Não houve revolução nenhuma, foi o clássico “mudar algo para que tudo fique na mesma”.

Se tivesses a oportunidade de decidir, fá-la-ias hoje novamente e da mesma forma?

Óbvio que não, eu tenho uma visão extremamente realista da humanidade e da política, não me choco com execuções em massa, são o pão nosso de cada dia da História da humanidade, e são obrigatórias em qualquer revolução, menos em Portugal ao que parece. Mas tentaria somente evitar o maior erro do 25 de Abril: a descolonização. A solução passava pela teoria spinolista de uma Federação Lusófona, infelizmente a



***“Perdi boa parte
da vida a culpar os
políticos e a banca,
contudo apercebi-
me que os principais
responsáveis somos
nós, o povo”***

extrema-direita queria um Império enquanto que a extrema-esquerda não estava com pachorra para negociar a paz, logo os únicos apologistas desta solução (o Movimento Federalista Português, o Partido do Progresso e o

semanário *Tribuna Popular*) acabariam todos exilados em Espanha até se normalizar a situação cá. Foi o princípio do fim.

Fala-nos um pouco sobre *O Diabo* e o teu papel nele.

Era o jornal que lia desde os tempos do liceu, embora fosse uma raridade encontrá-lo à venda nos Açores, depois comecei a comprá-lo, e ao *O Dia*, aquando das minhas deslocações em Lisboa. É um título que me marcou desde sempre, quando surgiu a oportunidade de fazer parte da nova equipa foi a concretização de um sonho da minha infância.

Temos tentado renovar o título, infelizmente a anterior administração deixou-nos um título gasto, mal distribuído e mal afamado... além da coluna de opinião tenho assegurado algumas entrevistas, relações com imprensa estrangeira, a secção internacional e pon-

tualmente a de cultura, de quando em vez colaboro também com peças noticiosas.

Quais são os principais objectivos editoriais d’*O Diabo*?

Manter a independência do jornal e a tónica de órgão de oposição livre e de inspiração patriótica, isto aliado a um dinossauro extinto da comunicação social moderna: o jornalismo de investigação. A maior credibilidade que temos é quando vemos que as nossas notícias passadas uma semana, várias ou até meses aparecem recicladas como novidade nos jornais do sistema!

Infelizmente há uma certo preconceito contra o título, raios, *O Diabo* era comunista durante o Estado Novo, foi quase neo-fascista nos anos quentes após o 25 de Abril e actualmente é o principal denunciador da corrupção inata desta ditadura cleptocrata, haverá maior exemplo de rebeldia? Que raios precisamos fazer para que os quiosques deixem de nos esconder debaixo da bancada ou ocultar por entre os jornais de tauromaquia e de pornografia? Um título com mais de um século de vida e há 35 anos sem falhar uma única semana nas bancas, nem quando nos meteram uma bomba na sede, tem a triste sina de ser visto como uma das revistas do José Vilhena, parece-me.

Qual seria a entrevista que farias n’*O Diabo*, se pudesses?

Uma que estive quase a fazer mas que por força das circunstâncias não ocorreu, Francis Fukuyama. É o autor simultaneamente mais refutado e citado da História, dos poucos intelectuais que conheço que mandou a coerência às urtigas quando viu que o neo-conservadorismo era um desastre, um exemplo de evolução intelectual. Devo ter ficado no folclore fukuyamiano como “o português que me deixou plantado no *hall* e não apareceu”. Como não gosto de deixar nada por fazer, vai-me assombrar pelo resto da vista esta entrevista falhada.

E qual seria a pergunta mais incómoda que gostarias de ver respondida nas suas páginas?

Perguntar ao Sócrates porque razão não aceitou as ofertas de ajudas de Timor-leste e do Brasil, preconceito terceiro-mundista? Racismo primário? Ou mera incompetência?

Mudemos agora para a *Finis Mundi*, outro teu projecto – apresenta-no por favor.

A *Finis Mundi* surgiu em boa parte pela minha participação noutra revista,





a *Nova Águia* (recuperação do título *Águia*, publicado pela Renascença Portuguesa, que primava por ser um “órgão de nacionalismo cultural”, *A Águia* surge antes de a Europa ter um Terceiro Reich, uma Guerra Civil Espanhola e uma Itália Fascista, em suma, antes do nacionalismo ser um palavirão insultuoso). Sucede que a *Nova Águia* é uma revista temática, estando habituado a escrever livremente em jornais surgiu-me a ideia de uma revista assumidamente para-académica de conteúdo livre, cujo foco central fosse somente Portugal. Após contacto com o Vítor Luís Rodrigues este contribuiu com a ligação do logótipo e com o subtítulo *A Última Cultura*.

Quais são as principais características desta revista e em que se difere das outras?

Para começar tem o mérito de ser uma publicação trimestral, isto num país em que as revistas académicas publicadas pelas universidades publicam um número por ano, às vezes nem isso, e em que a única “concorrente” directa é a semestral *Nova Águia*, com a qual partilhamos alguns dos nossos autores. Fora isto, é a primeira revista assumidamente para-académica que possui revisão de pares. Não fosse isso suficiente, temos uma secção permanente, *A última cultura*, com um carácter mais místico, digamos assim, onde se aborda exactamente o actual *Finis Mundi*, o facto de estarmos a assistir ao fim do mundo tal qual nos habituámos. Outra característica muito peculiar é o facto de termos académicos oriundos de praticamente todos os partidos e quadrantes a escrever na revista.



Foi editado recentemente um novo número, o que destaca nele?

Creio que aos leitores da *Infernus* talvez interesse o artigo de Richard Smoley, da Sociedade Teosófica americana, que acaba por ser uma redenção destes com René Guénon, o artigo sobre a causa da crise de Heiner Flassbeck, a secção que dedicámos ao simbolismo do regresso do elmo envergado por D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, num registo mais erótico, a “criação terminal” de Álvaro Holstein, pioneiro do fantástico, do ocultismo e da ficção científica em Portugal, um contributo sobre Black Metal da pena do também vosso colaborador José Almeida, um escrito sobre economia da autoria do mentor dos Joy Of Nature, enfim, são 224 páginas repletas de conhecimento. Uma revista para mentes ousadas, antes que Portugal acabe...

E o que tens preparado para os próximos?

Tenho várias entrevistas já confirmadas, artigos que já recebi de vários professores universitários, mas a vida ensinou-me a não divulgar fosse o que fosse antes que estivesse completado, portanto terão que esperar para ver.

Uma nova viagem, desta vez à editora Antagonista – fala-nos um pouco sobre este projecto.

A Antagonista surge inspirada pela Zéfiro e pela Saída de Emergência e impulsionada por três Acidentes Esquémicos Temporais, que é como quem diz AVCs sem sequelas permanentes. Tendo lido uma entrevista onde o Luís Rodrigues abandonara o trabalho de uma vida para se dedicar à sua editora de sonho, estando eu num emprego que odiava e já alertado, após pesada passagem por um cardiologista, de

que estava provado que não era eterno e podia morrer dum dia para o outro, e como já fazia trabalho de tradução com o meu sócio, falei com ele e, com o apoio da minha família e as poupanças dele, fundámos em Setembro de 2009 a Antagonista Editora.

Infelizmente como em Portugal se penalizam os empreendedores e a iniciativa privada independente, a realidade é que passados menos de dois anos batemo-nos com a desagradável perspectiva de fechar a porta, não porque os nossos livros tenham vendido mal, venderam bem, até o *Pela Sombra Morrerão* da Carla Ribeiro, um elogio ao vampiro feio, porco e mau numa era de literatura vampírica retirada dos Morangos com Açúcar, vendemos cerca de 2/3 de todas as nossas edições... Infelizmente o Estado levou-nos metade do investimento com os impostos e as contribuições obrigatórias e, desde Novembro de 2009, não recebemos um único cêntimo dos livros que vendemos nas livrarias... No actual sistema os livreiros obrigam-nos a trabalhar com intermediários (distribuidores, entenda-se), uma vez que preferem trabalhar com meia dúzia de distribuidores a trabalhar com centenas de editoras. Infelizmente 66% do preço de capa de um livro vai para o distribuidor, o livreiro e o Estado, os restantes 34% vão para o autor e para o editor pagar paginação, impressão, mais impostos e contribuições e retirar o seu lucro. Como se isto não fosse mau o suficiente, pagam-nos o que querem e quando querem, os editores independentes estão hoje na mesma situação que os agricultores em relação aos hipermercados. Pois bem, o nosso distribuidor nunca nos pagou um cêntimo desde que o nosso primeiro livro foi colocado nas lojas, em Novembro de 2009. Ou seja, estivemos

“Santana Lopes foi aquele raro governante com coragem para aumentar os impostos à Banca... o seu governo caiu menos de uma semana depois disso. Coincidência?”



“Não me choco com execuções em massa, são o pão nosso de cada dia da História da humanidade, e são obrigatórias em qualquer revolução, menos em Portugal ao que parece...”

um ano e meio a trabalhar de graça e a gastar do nosso bolso para as livrarias para o distribuidor, o exemplo perfeito do parasitismo mesquinho português que nos matou o país.

Inovamos publicando livros em Kindle e noutros formatos de eBook, fazendo uso da tecnologia de impressão digital e agora vamos lançar alguns títulos em língua inglesa, a ver se nos safamos, quem sabe?

Qual consideras ser o livro mais interessante que editaste até hoje?

Candomblé em Português do João Ferreira Dias, é o primeiro estudo académico sobre o paganismo africano alguma vez publicado em Portugal. Mostra-nos uma África ancestral, o culto dos pagãos não animistas dos reinos africanos pré-islâmicos e pré-cristãos, como toda essa crença se mesclou no Brasil com o catolicismo e deu origem ao candomblé. Sem dúvida a obra mais interessante até agora.

E se pudesses escolher qualquer um sem limites, qual seria o livro que gostarias de editar?

Mais que um livro, a obra completa de Edgar Rice Burroughs, a começar pelos *Tarzan* (23 volumes), as crónicas marcianas (12 volumes), as crónicas dedicadas à Terra Oca (7 volumes), entre dezenas de muitas outras. Já tentei inclusive chegar a acordo com os herdeiros, mas não vejo grande futuro, talvez leve o projecto à Saída de Emergência se a Antagonista falir. A obra completa de René Guénon (26 volumes) também foi outro sonho gorado, tanto Guénon como Jung têm os direitos em língua portuguesa cedidos a editoras brasileiras.

Fala-nos sobre as próximas edições – o que estão a preparar para nós em breve?

Ora bem, como a eminência da falência não nos tem desalentado, temos vários projectos em calha, um deles uma segunda revista dedicada exclusivamente ao terror, ao conto fantástico e à ficção científica, ainda em fase de legalização e *Os OVNIs de Hitler* de O.D. Lavine, um clássico há muito esgotado.

Que outros projectos queres destacar, para além destes?

No futuro menos imediato, caso paguem o que nos devem, *O Crepúsculo das Máquinas* de John Zerzan, *Amanhã, o Decrescimento* de Alain de Benoist, *A Liberdade Fica para a Próxima* do John Pilger, *Qédem* do rabino Misha’El Yehudá, outra obra pioneira, um ensaio cabalístico inserido num épico de ficção científica, *O Segredo das Runas* de Guido von List, *A Queimada* de James Patrick Kelly, *Cripe Noctem* de Mário Escoto, passado no norte do actual Portugal num ambiente da era hiberniana após a guerra entre sue-

vos e galaicos, enfim, projectos não nos faltam.

Tens algum novo projecto na calha do qual nos queres falar?

A *Lei do Mais Forte* de Ragnar Redbeard, inserido na colecção AURORA, uma fortuita parceria com a *HellOutro* com uma cuidada selecção de títulos que creio serem muito do agrado dos leitores da *Infernus*.

Como é que todos estes projectos influenciam a tua movimentação no espectro político e social?

Bom, começo a aceder a locais que outrora me eram vedados, mas dada a minha agorafobia social e aversão a cunhas, na prática não me tem servido de nada. Já dava conferências no estrangeiro e escrevia em jornais antes de ser director de uma revista e dono de uma editora.

Assumes-te como Satanista?

Não desde que abandonei a faculdade há meia dúzia de anos, mesmo na altura optava pelo termo luciferino, embora no liceu me assumisse descaradamente como satânico, o que não evitou que fosse eleito presidente da Associação de Estudantes.

Durante o tempo em que colaborei com a Irmandade da Rosa a minha posição pessoal evoluiu para a provocativa etiqueta de “cristão luciferino”, um piscar de olho à mitologia Otto Rahniana e ao imaginário cátaro, ao *Apocalipse* de S. João. Se se trata de satanismo puro, é discussão que anteriormente reservava às libações de absinto no extinto V Império com o Nocturnus Horrendus (Corpus Christii), ou à porta do Limbo com o Conqueror (Celtic Dance).

Como vês o mundo em que vivemos sob o ponto de vista Satânico?

Eu diria que a visão teísta do satanismo triunfou em absoluto, o culto ao horrendo e ao maléfico abunda em todo a cultura pop, do cinema à televisão passando pela estética dos músicos da moda. Esta difere consideravelmente do satanismo laveyano, mais ateu e de gosto refinado pelo belo, e da crença luciferina, que difere particularmente da visão laveyana na questão de uma possível existência divina atingível por via do aperfeiçoamento pessoal do indivíduo.

Satanismo e política co-habitam pacificamente?

Creio que sim, reza o folclore conspiratório de que todos os maçons são satânicos e de que a maçonaria manda nos políticos todos, quem sou eu para contradizer tamanha sabedoria?





Como é que a tua visão política e a tua visão Satânica se influenciam mutuamente? São mais os conflitos ou os complementos?

Creio que o desenvolvimento pessoal do indivíduo patente no satanismo e a vontade de serviço público em prol da comunidade patente na política se complementam. Como referi, a minha visão difere da visão laveyana na questão, crucial, do papel comunitário em oposição ao individualismo exacerbado. Aliás, a minha principal evolução pessoal adveio de trabalhar um ano e meio em atendimento ao público num supermercado, durante ano e meio assisti em primeira mão a como ricos, pobres, idosos, crianças, jovens, brancos, negros e asiáticos reagem em relação aos bens mais cruciais da actual sociedade materialista: o dinheiro e a comida. Não foi bonito de ver, mas contribuiu muito para o reconhecimento de uma diferença entre o “eu” e “eles”.

Alguma vez poderemos viver numa sociedade com princípios Satânicos?

É uma utopia, tal só seria possível em comunidades autónomas, ao género das pensadas por Richard Hunt, o *mui* ignorado teórico do eco-anarquismo moderno, em como a sociedade de-

via ser organizada ao estilo grego, em cidades-Estado, mas compostas por pessoas com afinidades culturais de até 500 indivíduos (número indicado por alguns cientistas como o máximo de indivíduos passíveis de reconhecimento pelo cérebro humano).

Ao longo da tua vida, quais foram as tuas principais influências e inspirações?

O mito do amor romântico, a mais brilhante invenção do Séc. XIX. As Cantigas de Amigo. O absinto. O movimento *grunge*. Personagens de ficção como o Justiceiro, Conan, Tex Willer, Vigilante, que, de acordo com alguns familiares, terão contribuído para a minha visão “fascista” do mundo (o sacrifício pessoal em prol de um ideal superior). A minha visita a Teerão em 2006, onde conheci Ahmadinejad, fez com que duvidasse de tudo o que via e lia na comunicação social, foi inspiradora. Há que mencionar também três indivíduos que me marcaram profundamente: Hans Schmidt, já falecido, Michael Storm, cujo contacto perdi há uma década, e Ramón Bau.

Os escritos de George Orwell, João Aguiar e Aldous Huxley, embora por vezes as suas distopias me pareçam utopias. Um amigo de infância que se

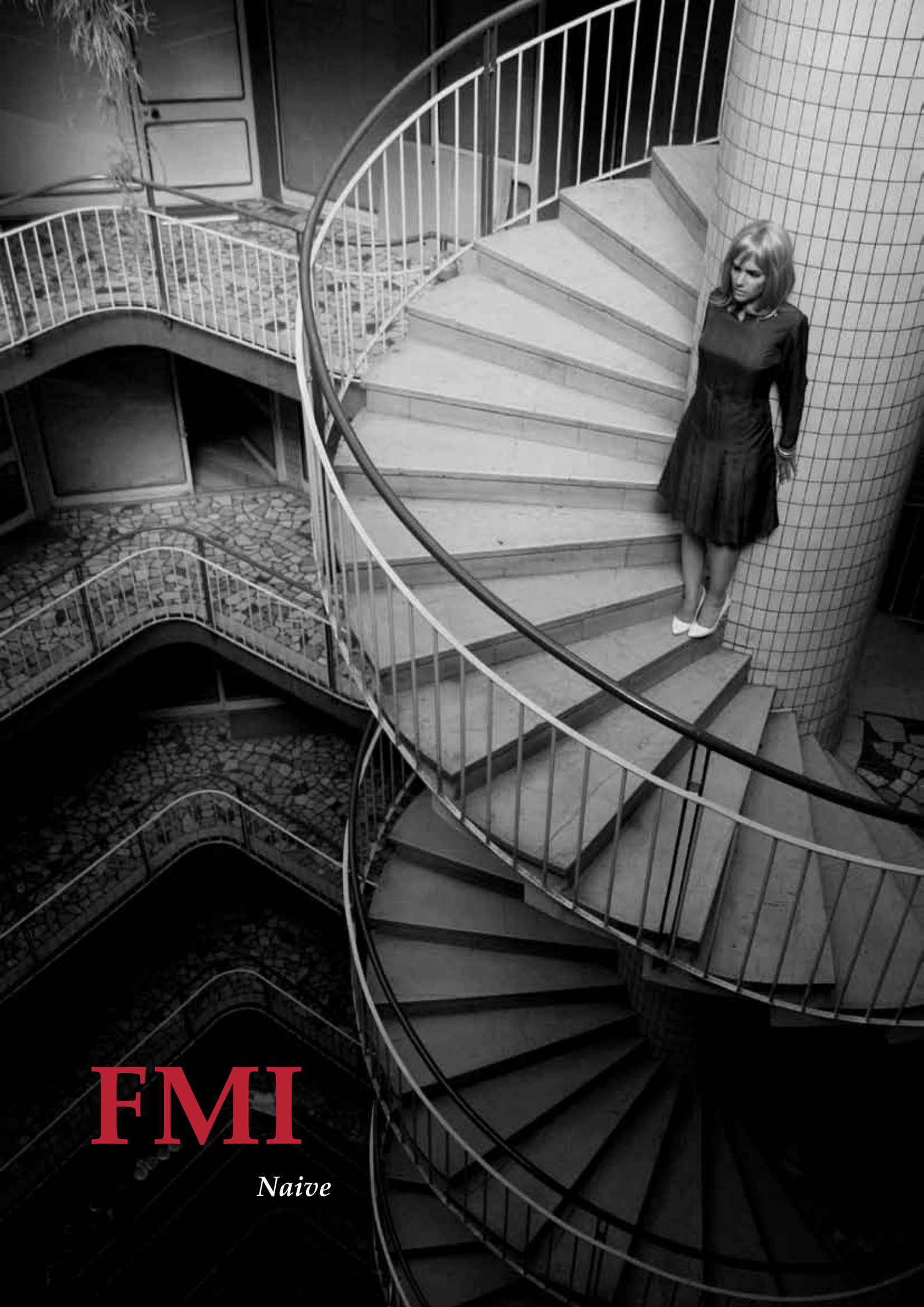
suicidou deixando uma curta missiva que me era dirigida, “*Que consigas ser o homem que eu não consegui ser*”, infelizmente o tempo nada perdoa e, embora recorde esta parte da carta, já há muito a perdi e não recordo o nome do seu autor, estranhamento recorro o nome dos seus irmãos e dos seus sobrinhos, mas não o dele... ah, e o meu livro favorito de sempre: *Como me Tornei Estúpido* de Martin Page, aparentemente esgotado, ofereci imensos exemplares a amigos e conhecidos, é assim tão bom, se bem que emprestei o último exemplar e nunca mais mo devolveram.

E se pudesses apenas deixar uma marca ou mensagem neste mundo, qual seria?

Um livro.

Algumas últimas palavras e pensamentos?

“*Sei perfeitamente que esta viagem à estupidez vai transformar-se num hino à inteligência. Gostava de poder dizer, na conclusão desta aventura, o que certo personagem de ‘Nascido para Matar’ disse: estou num mundo de merda, mas estou vivo e não tenho medo.*” - Martin Page •



FMI

Naïve



Numa noite de Fevereiro de 1979, José Mário Branco, músico, compositor e cantautor, português, escreveu, como o próprio indica, de “um só jorro”, um texto a que chamou simplesmente de F.M.I., Fundo Monetário Internacional, o nome fantasmagórico de uma organização internacional tão em voga na altura, como no tempo actual na sociedade portuguesa. Um nome aterrorizador, Ad- amastor da economia, espectro castrador a circular de boca em boca, assombrando novamente a mente dos Portugueses, e o futuro desta nação desgobernada, que ainda não aprendeu a tomar conta de si, da sua economia, do seu presente e futuro cada vez mais sombrio.

Nação essa que se vê, no limiar do abismo social, entregue a mãos estranhas, que dêem um novo rumo a este rectângulo à beira mar plantado, de onde outrora partiam caravelas com sábios aventureiros para conquistar o mundo, e agora chegam voos charters, com engravatadinhos de várias nacionalidades, para evangelizar com novas regras e linhas de orientação os desorientados a quem ao longo do tempo se entregou o poder de decisão sobre as matérias sociais que, querendo ou não, acabam sempre por afectar aspectos centrais da nossa vida que dizem directamente respeito à nossa capacidade de subsistência, nomeadamente ao nível do emprego e rendimento monetário que daí tiramos, preços dos produtos em escalada vertiginosa, e subsequente decréscimo do poder de compra e qualidade de vida material das famílias, onde assenta a estrutura base de qualquer sociedade, tenha ela os ideais e convicções históricas, culturais, políticas e religiosas que tiver...

Claro que podemos sempre prescindir do sistema de saúde, alimentar, comercial e educativo, pilares físicos de sobrevivência, formação e construção de cada indivíduo nesta sociedade contemporânea, e associarmo-nos, ou mesmo fundarmos uma comunidade laboral e cultural, com outras regras de interacção e cooperação mutualistas entre os seus membros, que visem outro tipo de empreendedorismo social, ou mais radical ainda, enveredar pelo lado eremita, e viver de forma ainda mais selvagem, construindo um abrigo no meio do mato, ou refugiando-nos numa caverna, comendo bolotas, raízes, caçando animais selvagens, e bebendo água da chuva e directamente das nascentes, mas a ideologia do “amor e uma cabana”

e da alienação para a maior parte dos seus apologistas não passa de uma utopia metafórica, que choca de frente com a realidade do desconforto, da solidão, e do imaterialismo insuportáveis só de imaginar para a maior parte deles, por mais que a natureza, os astros, e uma qualquer ilusão de liberdade os inspire...

Mas não basta apontar o dedo não é verdade? É preciso apontar soluções para esta crise, como é óbvio. No entanto como eu não sou estudioso senão da minha própria vida, e do que me diz respeito a ela directamente, não faço a mínima ideia do que nos poderá salvar colectivamente, nem sequer se existem soluções milagrosas que agradem a todos e nos façam viver em harmonia social, seja lá o que isso for. Sou obrigado a subscrever as palavras de Adolfo Lu-xúria Canibal, quando este diz que com este sistema político não há ninguém que nos salve. No mínimo acho impossível existirem soluções que agradem a gregos e troianos. Esta expressão até tem a sua graça se nos lembrarmos que a Grécia foi o primeiro país europeu a cair nesta mais recente recessão económica e a socorrer-se do F.M.I, e Tróia também é uma bela península situada na encosta de Setúbal, em plena expansão turística, onde não me importava nada de construir uma cabana à beira rio, pescar tainhas para comer (enquanto houver), e escrever odes poéticas ao urbanismo progressista, à extinção dos golfinhos nas águas do Sado, e à bela cimenteira e lixeiras clandestinas situadas em plena Serra da Arrábida. Bem, mas a temática desta *Infernus* não tem nada a ver com poluição, nem com os meus devaneios, no entanto não posso deixar de denunciar os malditos ambientalistas que retardam o progresso

da indústria! Com a manipulação de informação que existe por aí, vai na volta, e ainda se vai chegar à conclusão que são estes os verdadeiros responsáveis pela tão propalada crise!

Chegamos ao ponto em que a culpa é geral, de todos nós, e não é de ninguém afinal. A culpa é um parasita à procura de alojamento, uma batata quente a saltar de mão em mão, uma bola de pingue-ponge jogada de facção para facção dos sucessivos governos “democráticos” que nos desgobernaram após a tão enfática Revolução dos Cravos. Deixámos de virar as costas ao mundo, e estar orgulhosamente sós, para nos tornarmos uma nação prostituta, aberta a um poder globalizado, volátil aos centros de decisão europeus, perdendo identidade própria e autonomia governativa de várias formas, entre as quais, e talvez a mais flagrante, a perca da nossa moeda e a subscrição de uma moeda única que visava o desenvolvimento económico, (que é ao dinheiro que tudo se resume), e de uma rajada duplicou o preço dos produtos, pois tudo o que era a 100 escudos passou rapidamente para 1 euro (200 escudos), não tendo os ordenados seguido proporcionalmente esta mudança, o que desequilibrava drasticamente os orçamentos das famílias, e subsequentemente foi agravando o estado económico do país. Mas nós, portugueses, somos mesmo assim, passamos do 8 para o 80, e da euforia para a depressão sem pêndulo material e psicológico. Será esta a nossa sina, a nossa patologia colectiva, a bi-polaridade do nosso estado de espírito dominante???

Não sei nem me interessa. Numa nau que está a ir ao fundo, parece-me mais importante saber nadar até uma ilha onde possa assentar os meus pés em terra firme, do que ficar à deriva num colete salva vidas, à espera de um bote que me venha salvar antes que me

*“A ideologia do
“amor e uma cabana”
e da alienação para
a maior parte dos
seus apologistas não
passa de uma utopia
metafórica”*



***“Sou obrigado a sub-
screver as palavras de
Adolfo Luxúria Cani-
bal, quando este diz
que com este sistema
político não há nin-
guém que nos salve”***

dê uma hipotermia de tanta inércia, ou uma onda ou um tubarão me engula a qualquer momento, vindos sabe-se lá de onde. Se cada um pensasse que de-
tém na realidade as rédeas sobre a sua
própria vida, e se assumisse verdadei-
ramente como o principal responsável
pelos destinos da mesma, por certo
não andávamos à procura de culpados,
mas antes evoluiríamos mais depressa,
aprendendo com os nossos próprios
erros. As melhores soluções são as que
servem a individualidade de cada um,
e se todos lutassem de igual forma por
si próprios, não precisaríamos por certo
de um modelo de Estado e de líderes
para tomarem decisões por nós.

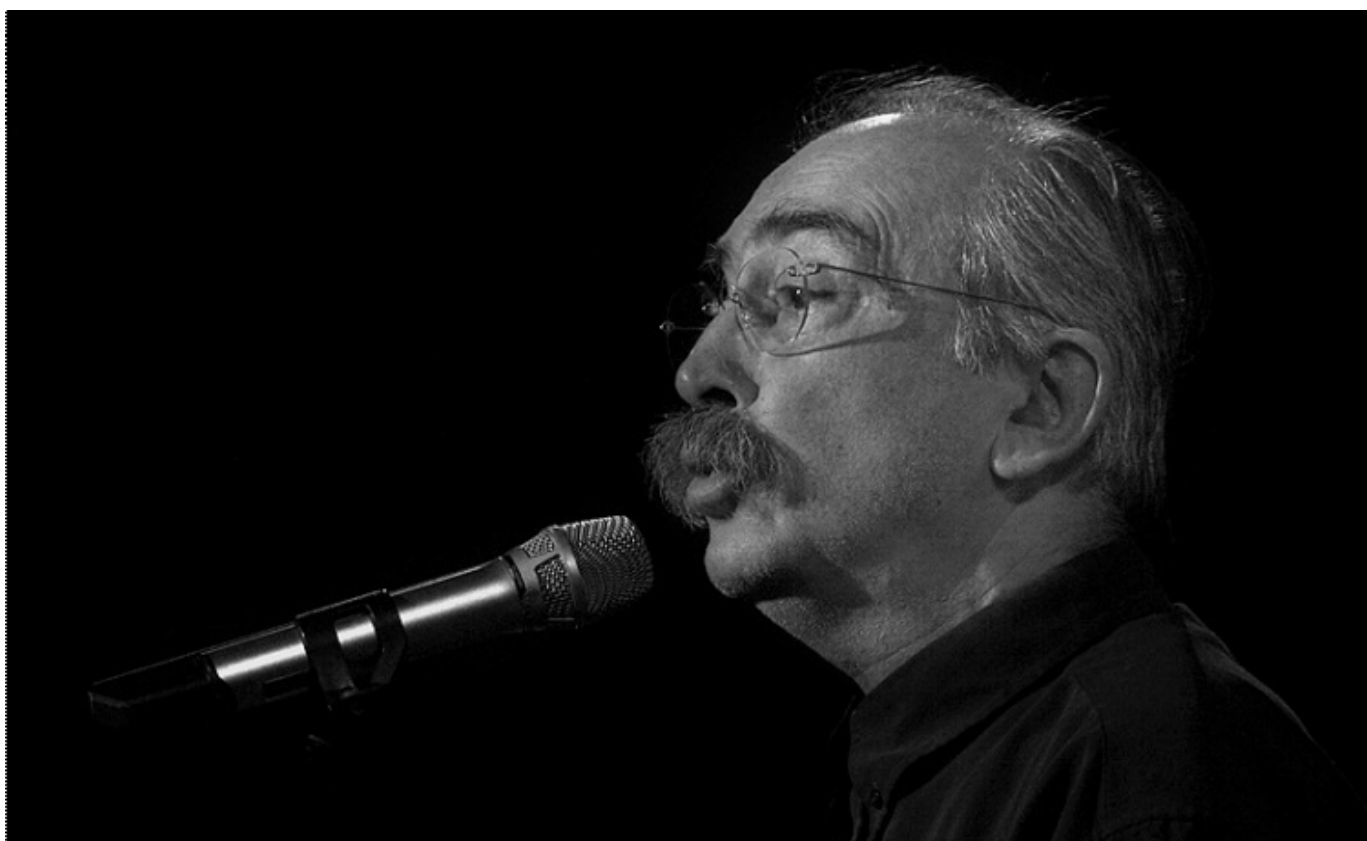
Não percebo nada de política, nem
quero perceber, e este texto será tão de-
magogo, subjectivo e utópico, quanto
os discursos da corja política, ética e jo-
nalista, que nos tentam emprenhar pe-
los ouvidos, e alojar o seu pessimismo
crónico no útero da nossa consciência,
procurando desvirtuar o foco da nossa
objectiva, envenenar a nossa visão da
realidade, e abortar o centro de poder
e decisão que há dentro de cada um de
nós, a força vital que pulsa do nosso
íntimo na demanda do nosso próprio
bem-estar e felicidade pessoais.

Percebo no entanto de sentimentos,
de sensações, de estado de espírito em
polvorosa, de nervos à flor da pele, da
alma a pulsar por entre os lábios, e as
palavras, como labaredas de múltiplos
timbres e tonalidades, a incendiarem e
a paralisarem a audiência, e a esquizo-
frenia, e a ironia e o sarcasmo a arreba-
tarem o marasmo, e no fim o desespero,
a melancolia, a poesia, a melodia, de se
estar só com a sua consciência e a sua
loucura. E percebo disso tudo, não por
ser versado em nada, mas simplesmen-
te por ser humano, e ouvir e sentir José
Mário Branco expressar-se desta forma
épica na interpretação e musicalidade
do seu próprio texto, F.M.I, gravado ao
vivo, e que deu nome a um álbum edi-
tado em 1982 com essa única canção de-
clamativa de cerca de 20 minutos Alta-
mente Inspiradores, que considero um
Hino intenso à Individualidade! Aqui

fica um pequeno excerto desse extenso
texto:

*“Que é que eu ando aqui a fazer? Digam
lá, e eu? José Mário Branco, 37 anos, isto é
que é uma porra! Anda aqui um gajo cheio
de boas intenções, a pregar aos peixinhos, a
arriscar o pêlo, e depois? É só porrada e mal
viver é? O menino é mal criado... o menino
é ‘pequeno burguês’... o menino pertence
a uma classe sem futuro histórico. Eu sou
parvo ou quê?! Quero ser feliz porra! Quero
ser feliz agora! Que se foda o futuro! Que
se foda o progresso! Mais vale só do que
mal acompanhado! Vá mandem-me lavar
as mãos antes de ir para a mesa, filhos
da puta de progressistas do caralho da
revolução que vos foda a todos! Deixem-
me em paz porra! Deixem-me em paz e
sossego! Não me emprenhem mais pelos
ouvidos caralho! Não há paciência! Não
há paciência! Deixem-me em paz caralho!
Saiam daqui! Deixem-me sozinho só um
minuto! Vão vender jornais e governos e
greves e sindicatos e polícias e generais
para o raio que vos parta! Deixem-me
sozinho, filhos da puta! Deixem só um boca-
dinho! Deixem-me só para sempre! Tratem
da vossa vida que eu trato da minha, pron-
to! Já chega! Sossego porra! Silêncio porra!
Deixem-me só! Deixem-me só! Deixem-me
só! Deixem-me morrer descansado...”*

E a pergunta, sempre tão pertinente,
que fica no ar: Durante quanto tempo
mais serão a essência e o significado
desta canção tão actuais??? •



HIDROFAGIA

BM Resende

hidrofagia I – escarpa lacrimária

esmorece a cinza
na ponta dos olhos suspensos
ida vinda coroada
de lacrimário sem órbita

a terra sorve amena
sal pelas escarpas
vindouras na apostasia
da descendência

um repique que falta
deambula na falésia do silêncio
fechadura de moldura granítica
explosividade da ferrugem

cantarola a erosão
desgaste afincado de leitos
desenhados à crispação
do repique que ainda falta

hidrofagia II – anseio ovular

pingam celestes do peixe
amamentado no boreal
escorregando entre espumas
para o aquático seio

um seixo no crepúsculo
durante uma fronteira de espumas
geme no pavio molhado
de leites que sibilam

dissolução imanente
mescla que rarefaz a raridade
aspersões para a teia
fendida por circundar pingas

e o óvulo desperta morto
entre pontifícios do excedido carbono
escorregando entre espumas
para o aquático anseio

hidrofagia III – cerejas de âmbar

na crivagem de bronzes na onda
fendida de gorgolejos
um titubeante arremesso
dos olhos descaídos pelos corais

destilam-se como escamas inertes
presas à retina
decifradas pelo fluxo de pólen
fertilizadas pela pupila encharcada

confluem-se na espasmódica resina
ondulagem das seivas fluviais
arrancam-se como caroços
e a cereja circunvaga

com bronze afiado na sístole
e paradas na crivagem
as nervuras tremem na semiótica
encerram-se no âmbar



hidrofagia IV – zumbidos da diástole

ramificado coração zumbido
em vagido ondulado
de galhos ímpetos na bebericagem
barrada no deslize da diástole

montam rochas coachantes
de nenúfares descaídos
profundezas da apoplexia
derramada triunfal

o rupestre pinta-se de moscardo
tingido à frieza de sangue
distorcido na serena alva
quebra-se nos fluidos

destarte arremessado à margem
das pegadas dos peixes
a fúria pulsada faz ondular
um lago alagado de sangue

hidrofagia V – das pálpebras das vagas

debate-se um sono escorrido
na pálpebra da vaga
gotejada na pestana da inércia
retinido vazo da retina

hidrólise na costa
murmurada na intermitência
das ondas respiradas na epiderme
estática

o acervo pestaneado dança
na quietude ecoada nos troncos
folhagem ritmada por rasgos
de luz apagada

a giratória de lemes auspícia
amenidades ancoradas à onda
cristalização de gotejados
sonhos acesos à maresia

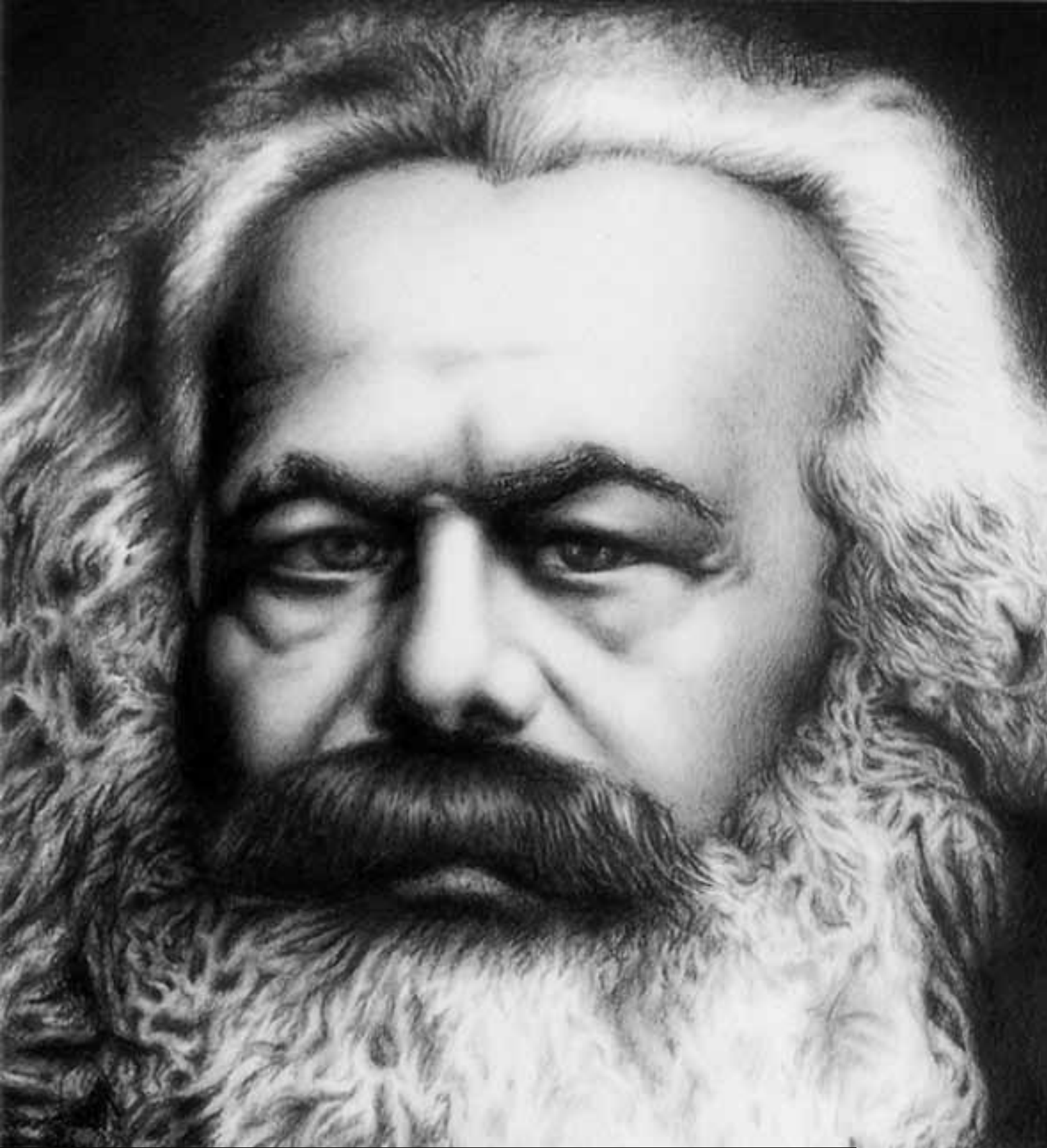
hidrofagia VI – decantação pela alavanca

desprendidas águas por alavanca
solúveis na prestidigitação
das rochas ponteadas ao dedo
de um galho de ossos

no imiscível fluxo de areias
o emerso aquoso estanque
pendido na rocha
a hipnose do perpétuo

as lascas uivam soterradas
imensas paradigmáticas
da decantação puritana
de dígitos prestígios

camadas audíveis na intenção
de separar o contínuo
para que se refaça
na memória solvida •



Karl Marx como Satanista

Devis DeV deviLs g



No dia 1 de Maio do presente ano, o Papa Bento XVI reconheceu a canonização do seu antecessor, o Papa João Paulo II.

Tratou-se da canonização mais rápida de sempre na igreja católica. Alguém poderá levantar uma dúvida sobre este comportamento incomum mantido pela igreja em despeito da sua assumida prudência clerical tradicional. Negócios por si só não explicam toda essa precipitação. Um sábio académico saberá olhar para isso a fim de compreender os verdadeiros motivos para tal pressa. O papado de João Paulo II ficou principalmente conhecido pela sua peleja face ao comunismo “ímpio” e de facto o Papa Ratzinger apontou apenas este facto como sendo a honra principal do Papa Wojtyla. Ele foi definitivamente o Papa que causou a queda do Comunismo.

Ratzinger veio a dizer que o Comunismo tem sido o maior inimigo da igreja. E, de facto, também a escolha do primeiro de Maio diz muito acerca da verdadeira razão pela qual o papa Polaco tinha que tornar-se “santo”.

O Primeiro de Maio ou o Dia Internacional do Trabalhador ou o Dia do Trabalho foi o dia escolhido pelos comunistas e socialistas para as celebrações dedicadas a todos os que trabalham. Hoje em dia é um feriado público laico celebrado em muitos outros países ocidentais. Mas se vós olhades mais a fundo para isto, podereis perceber que o Primeiro de Maio enraíza as suas origens nos ancestrais festivais pré-cristãos, tal-qualmente o Celta *Bel-tane*, a noite germânica *Walpurgis* ou a ancestral *Floralia Romana*.

À medida que a Europa caía na religião cristã, a igreja católica tentou erradicar prévias crenças pagãs. Em muitos casos, substituíam apenas feriados pagãos pelos seus recentes feriados cristãos, da mesma forma que aconteceu com o feriado de 25 de Dezembro, o qual se dedicava ao Sol Inconquistado (*Dies Natalis Solis Invicti*). Contudo, estranhamente, Maio recebeu um tratamento especial por parte da igreja, tendo sido o mesmo dedicado na sua integralidade à “Abençoada Virgem Maria”. A mesmíssima “Virgem Maria” que tem sido usada pela igreja católica como arma de propaganda explícita de anti-comunismo, no que diz respeito, ao caso Fátima. E não é um acaso que João Paulo II tenha sido tão devoto da Senhora de Fátima. E seguramente que não foi um acaso que ele tenha desejado amaldiçoar a Ex-União Soviética

com esta mesma dedicação conhecida à “Virgem Maria” dos primeiros países comunistas. Porque é que a igreja cristã odeia tanto o comunismo? Terá sido somente por os comunistas se auto-professarem como sendo ateístas?

Em 1976, o reverendo Wurmbrand, um padre cristão que esteve preso durante alguns anos na então Roménia socialista, escapou uma vez do seu país, escrevendo um panfleto intitulado *Was Karl Marx a Satanist?*. Este livro é igualmente conhecido como *Marx and Satan* (disponível em Itália como *L'altra faccia di Carlo Marx*, de Richard Wurmbrand, Editrice Uomini Nuovi, Varese, 1984). Ambos os títulos do livro dizem imenso acerca dos seus conteúdos: uma colecção de provas a certificar que Karl Marx fora um verdadeiro “discípulo do Diabo”! Wurmbrand escreveu que não tinha “demonstrado provas incontestáveis de que Marx fora membro de uma seita de adoradores do diabo, mas acredito que lá se encontram indicações suficientes para supor isto. Certamente, lá se encontram indicações suficientes para inferir influência satânica sobre a sua vida e os seus ensinamentos [...] Os pecados do Marxismo [...] são satânicos”. E “movimentos comunistas são eles mesmos organizações frontais para Satanismo oculto. Isto também explicará porque é que todas as armas políticas, económicas, culturais e militares usadas contra o Comunismo provaram ser tão ineficazes. Os meios para combater o Satanismo são espirituais, não carnis...”, e igualmente “o bem dos trabalhadores foi apenas uma pretensão. [...] O principal é a religião ter que ser destruída”.

O reverendo Wurmbrand apontou as poesias juvenis escritas por Marx como sendo as principais provas satânicas. De entre todos, o poema intitulado *Oulanem*, uma clara distorção de *Immanuel*, ou *Emmanuel*, um nome teológico (que significa “God is with us”) usado na Bíblia, no Livro de Isaías, e que surge novamente no Evangelho de Mateus como a referir-se a Jesus. O padre nota que as inversões e distorções dos nomes e das marcas cristãos são aspectos peculiares da tradição satânica.

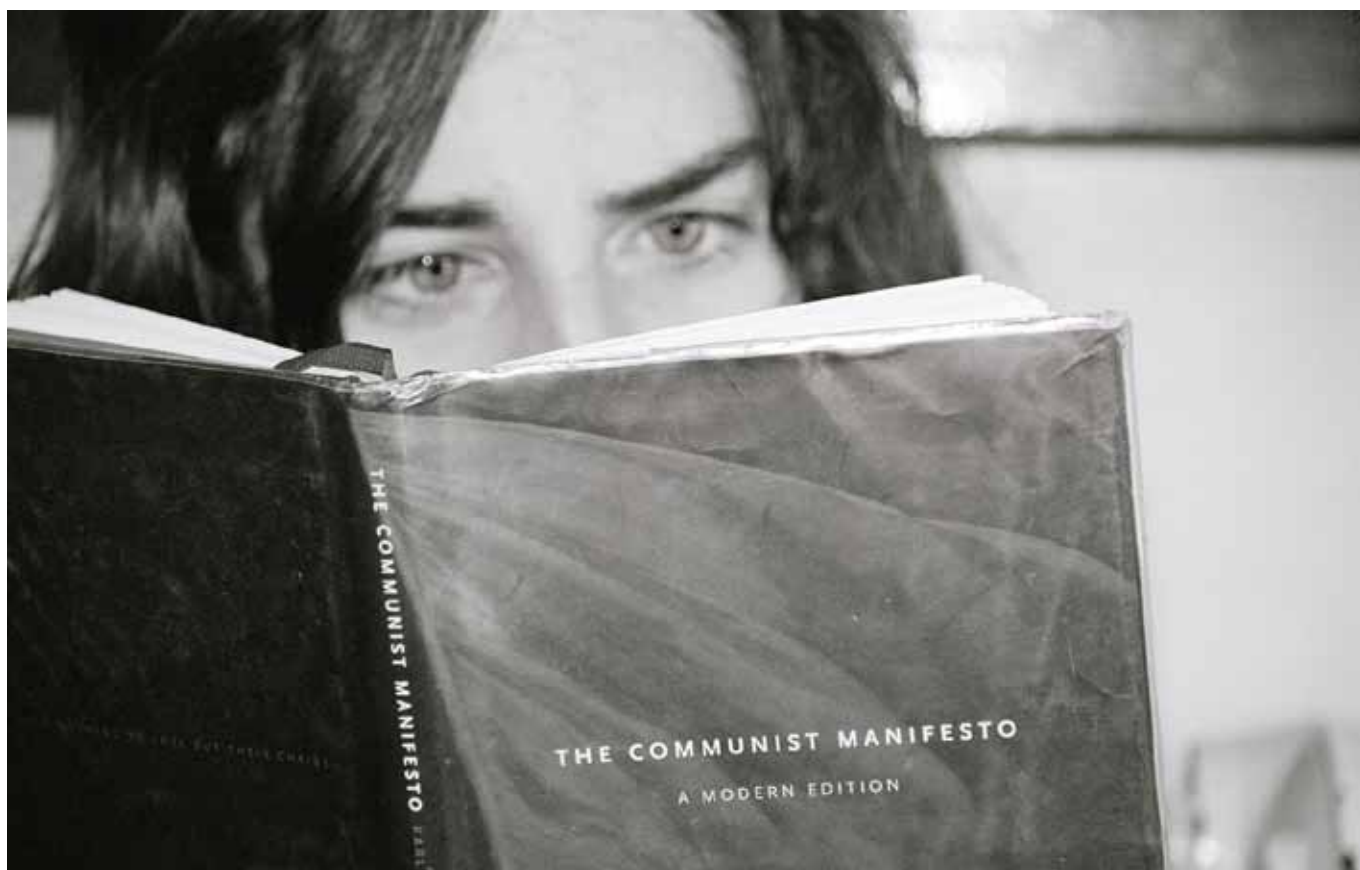
O jovem Karl Marx escreveu “Eu sei-o por completo, a minha alma – uma vez verdadeiro a Deus – é escolhida para o inferno” e, num outro poema, ele confessou que comprara uma espada ao

“À medida que a Europa caía na religião cristã, a igreja católica tentou erradicar prévias crenças pagãs”

Príncipe das Trevas. Sabemos muito bem que boa poesia satânica foi significativamente característica nos movimentos da rebelde política activista do século XIX. *Satan* foi o Primeiro Rebelde, uma verdadeira fonte de inspiração para qualquer revolucionário, tanto na Arte como na Política. Wurmbrand fez também menção às cartas entre Marx e os seus familiares como sendo claras provas satânicas. Numa destas cartas, Karl chama Edgar, o seu filho, de “*meu querido Diabo*”. Numa outra, que Marx recebeu da sua esposa, ele é apelidado de “*sumo-sacerdote e bispo das almas*”. “Sumo-sacerdote Satânico”, isto de acordo com Wurmbrand, visto que o título de sumo-sacerdote não existe na religião cristã. Depois, há ainda a prova circunstancial dada pelo genro de Marx, Edward Aveling, o qual casara com Jenny Julia Eleanor Marx (todas as filhas de Marx eram chamadas de “Jenny”, em honra da mãe delas, Jenny von Westphalen), a filha mais nova do filósofo. *Mister Aveling* foi um proeminente académico inglês de biologia e um popular porta-voz para a teoria da evolução de Darwin e o ateísmo, contudo, ele era também um amigo de Annie Besant, líder da *Luciferian* (como o reverendo Wurmbrand supunha que fosse) *Theosophical Society*.

Wurmbrand discutiu igualmente o visual de Karl Marx, declarando positivamente que, ainda que não fosse incomum usar-se barba no século XIX, não era, de modo algum, comum deixar-se o cabelo e a barba crescerem tanto como ele fazia. Para o reverendo, isto era, de facto, um aspecto peculiar da “ordem Satanista” inglesa de Joanna Southcott.

Todavia, este é um argumento muito fraco e incongruente. E, por outro lado, o movimento religioso de Joanna Southcott não era de todo Satânico, tratou-se somente de uma das muitas seitas de cristãos lunáticos. Prosseguindo,



também não há absolutamente provas de que Karl Marx a conhecia ou algum outro “Southcottian”. Já agora, Joanna Southcott morreu em 1814, enquanto Marx nasceu em 1818. Provavelmente, o cabelo comprido e a barba de Marx seriam exactamente isso que pareciam, um hábito sem qualquer significado particular. Uma outra prova que não convence, das que Wurmbrand ofereceu, é aquela das memórias de Hellen Demuth, que foi criada de limpeza na casa da família de Marx, por um tempo. A criada contou que, em segredo, o seu patrão era um homem pio. Esta criada notou que Karl Marx rezava sozinho no seu quarto com velas a arder. Wurmbrand argumentou que tais práticas eram, na realidade, Satânicas por natureza.

Mas mais provável, estas confissões soam mais a uma espécie de mentiras inocentes, contadas por uma criada aficionada, a fim de tornar mais atraente e aceitável a memória de um amo morto ou não obstante, mais provável, algumas invenções vendidas para jornais escandalosos, a fim de levantar algum dinheiro.

Wurmbrand notou igualmente o papel do Satanismo nas palavras e actos de outros “comunistas” como, por exemplo, Engels, Bakunin, Proudhon, Lenin e Stalin, de quem ele afirmou que originalmente se chamava a si próprio de

“*Satanashvili*”, em honra de *Satan*! Aqui, eu não paro a olhar para estas conjecturas. O que é interessante de observar é que o Comunismo foi, de facto, Satanismo, não apenas para o pensamento de Wurmbrand, mas tal-qualmente para muitos outros pensadores cristãos. Para estes crentes cristãos, em prol de combater o Diabo, tinham que ser usadas armas espirituais. Noutras palavras, o reverendo luterano Wurmbrand partilhou das mesmas ideias do católico João Paulo II.

Talvez o livro de Wurmbrand possa facilmente ser visto como um produto de conspiração típico, mas apesar disto



***“A mesmíssima
“Virgem Maria” que
tem sido usada pela
igreja católica como
arma de propaganda
explícita
de anti-comunismo”***



é interessante por tal mostrar como é que cristãos compreendem o Marxismo como sendo “Satânico” e não simples “ateísmo”. Para eles, o Comunismo não era apenas uma doutrina oponente, mas também um adversário espiritual a temer. O panfleto de Wurmbrand não é o único que se escreveu contra Marx, é apenas um entre muitos que cristãos escreveram contra o “pai do comunismo”, ao longo dos anos em que Karl Marx ainda estava vivo. Durante os primeiros anos de 1870, uma revista católica escreveu contra “uma associação à qual obedecem milhares e milhares de pessoas desde Moscovo a Madrid, ambas no Novo e no Velho Mundo [...] esta é a asa Esquerda, a ubíqua Associação Internacional dos Trabalhadores” e o seu líder era Karl Marx (F. Wheen, *Marx: vita publica e privata*, Ed. Mondadori, Milano, 2000). O nome dele voou a mito, mesmo durante a sua vida. E o filósofo foi na realidade percebido como o líder de uma real seita, uma espécie de versão moderna da sociedade secreta *Illuminati*, que possuía membros de toda a parte e que ia fazer erguer o inferno sobre todas as partes do mundo (G. Vannoni *Le società segrete dal Seicento al Novecento*, Sansoni Editore, Firenze, 1985). Lendas e mitos saltaram sobre dele. O filósofo adorou os mitos. O seu herói mitológico favorito era Prometeus, uma personagem muito similar a Lucifer, o qual lutou contra os deuses e trouxe o fogo (a luz) à humanidade.



Mas mesmo adorando o mito, *Marx* não deixava de estar ciente dos seus limites. *Marx* definiu a sua doutrina como “científica”, de acordo com o seu pensamento, tal será verdadeiro, real e concreto, ao invés de ser apenas uma data de meras especulações infrutíferas. No seu *Theses on Feuerbach*, *Marx* convidara aos seus colegas filósofos a parar de interpretar o mundo e começar a alterá-lo: “Os filósofos, até este ponto, somente interpretaram o mundo de variadas formas; o propósito é alterá-lo”. Tais palavras fazem com que relembremos a definição que Crowley deu de Magia: “Magia é a Ciência e Arte de causar a Modificação ocorrer em conformidade com Vontade”. E é curioso notar que Eliphas Levi, um Mago a quem usualmente Crowley se referia, vivo durante os mesmos anos em que Karl Marx viveu. Por algum tempo, eles até devem ter vivido na mesma cidade, Paris. Eliphas Levi, a figura principal da revivificação da Magia moderna, era também socialista (F. Dimitri, *Comunismo mágico*, Ed. Castelvecchi, Roma, 2004), mas não há provas de que eles se conheciam mutuamente. Seja como for, eles, de alguma maneira, adquiriram pontos de vista similares: Eliphas Levi declarou positivamente que a Magia obteve leis científicas, Karl Marx declarou positivamente que a História obteve leis científicas. Estas leis são aquelas definidas pelo movimento de/em três fases que, na perspectiva do Mago, é o movimento do “hermético ternário”. Um mesmo movimento de/em três fases que para a perspectiva do filósofo é o “*hegelian dialectic*” (dialética que se

refere ao filósofo alemão Georg Hegel): tese, antítese, síntese. Este processo contínuo e interminável, sempre em alteração perene, movimento de/em três fases, é exatamente o mesmo definido pelo “ternário da Alquimia”: Matéria-Prima, Antimónio e Sal de Filósofos. Os Alquimistas temeram sempre o uso prático de tal conhecimento nas leis de norma de campo social e eles fizeram quase tudo para conseguir evitá-lo. Em 1936, Eugène Canseliet, o alquimista Francês que fora o único estudante do alquimistas misterioso conhecido como Fulcanelli (e poderá muito bem ter sido o próprio Fulcanelli) ficou abalado com o uso do *Three Arrows*, um símbolo hermético do ternário, pelo *French Socialist Party* (SFIO), que o escolheu como emblema da sua festa política. Profundamente preocupado com isso, Canseliet

escreveu: “o emblema escolhido pela divisão Francesa da Internacional dos Trabalhadores deixou o filósofo perplexo e empurrou-o para um abismo de considerações [...] Devemos pensar que uma Vontade oculta e onnipotente impôs este sinal em revelação nas doutrinas de revolução social [...]?” (E. Canseliet, *L’Alchimia*, Ed. Mediterranee, Roma, 1985).

No final, talvez não hajam provas claras de *Marx* ter sido um Satanista praticante, contudo, há provas suficientes para argumentar que ele estava, no mínimo, familiarizado com Ocultismo Mágico e conhecimento Satânico. Seguramente, os mestres que definiram o “*Vama Marg*” ou “*Vāmācāra*” (o termo Sânscrito que significa *left-handed attainment* ou *Left-Hand Path*) não pensaram em nenhum peculiar uso político para este termo. *Vama Marg* descreve um modo particular de *sadhana* (prática espiritual) que é “herético” (Sânscrito: *nastika*), conforme regras *Vedic* (uma forma prévia do Sânscrito) e definitivamente contra o *status quo*.

Não existem razões para presumir que, de facto, o *Left-Hand Path* (Caminho Antinomiano) se trate de um Caminho Satânico Mágico reservado apenas para aqueles que sejam “da esquerda/esquerdistas”, mas seguramente um Satanista não pode, no mínimo, intrigar-se por um dos principais símbolos usualmente adoptados pelo comunismo: a Estrela Vermelha de Cinco Pontas. Vermelha, como o Comunismo, mas também como o Diabo! •

“Porque é que a igreja cristã odeia tanto o comunismo? Terá sido somente por os comunistas se auto-professarem como sendo ateístas?”





Mérito Económico

Metzli



Numa altura em que se fala de crise económica, ruptura da banca e falência de multinacionais a cada 10 minutos do nosso dia é impossível fugir a tema da moda. Ele está em todo o lado: nas notícias de abertura dos telejornais (e também nas intermédias e nas finais), nas conversas de cafés e mini-mercados (nos super e nos hiper, conseguimos perceber pelas campanhas agressivas de que somos alvo)... Neste cenário, como é que podemos julgar os métodos implementados por alguém que “faz pela vida”?

Enquanto cidadãos, creio que sempre nos foi impingida a ideia de que tem mais mérito e valor social quem trabalha das 7h às 21h do que aquela pessoa que enriqueceu em um mês porque encontrou uma forma de ganhar dinheiro facilmente. Nunca concordei com esta visão. Nunca a partilhei e atrever-me-ia a dizer que nunca a partilharei. Mas até já me dediquei a pensar sobre isto.

Talvez, para o tipo de sociedade que se pretende criar, é importante que existam muitas formigas que trabalhem e poucas cigarras que passem o tempo a cantar. É necessário (e é, eu até concordo) que o trabalho seja feito. É necessário, para que tudo decorra com a fluidez a que estamos habituados e que só assim é possível, que o trabalho seja feito. Se deve demorar mais ou menos tempo? Deve demorar o neces-

sário até ficar concluído. Para uns demorará mais, para outros menos. É a vida. Entendo que a entidade patronal tenda a alargar esse tempo, ainda que tudo já esteja pronto; será depois uma decisão pessoal aceitar ou não, e em caso afirmativo em que moldes.

Todos os seres humanos tendem a desejar o sucesso e o reconhecimento (creio eu). Uns vão pela esquerda, outros irão pela direita. E alguns ainda em linha recta, que de resto é sempre o trajecto mais curto entre dois pontos. Podemos ser formigas e apostar no contorno da situação, tendo à escolha um leque infinito de caminhos a percorrer. Uns serão mais compridos, mas mais simples de percorrer. Outros serão mais curtos e mais espinhosos. Cada um saberá quais as suas maiores qualidades e por onde ir.

Não podemos privilegiar a ideia de que a fortuna e o sucesso se podem conseguir através de manipulações e outras estratégias paralelas. O ideal é



todos ficarem com a noção que para se atingirem os objectivos de vida estabelecidos é necessário passar por diversas etapas.

Numa altura em que tanto se fala em desemprego, vejamos o exemplo de alguém em busca de um emprego. O que a sociedade publicita: a via "correcta". Depois de ver o anúncio, se alguém o pretender, há que enviar o *curriculum vitae* e/ou contactar para marcar uma eventual entrevista. Há que estudar bem a empresa, principalmente a sua visão e missão, e preparar (dentro dos possíveis) as respostas às perguntas antecipadas.

Há que agradar, acima de tudo, pois esse será um aspecto muito importante e um passo decisivo em todo o processo. No dia da entrevista, é também importante escolher de forma adequada a vestimenta, bem como os restantes acessórios. Apesar de tudo ter de ser adequado ao lugar a que é feita a candidatura, há que conseguir equilibrar o requinte com a exuberância, de uma forma suficientemente sóbria, mas sem sobriedade em demasia.

No decorrer da entrevista, caso se aplique, poderá ser importante uma segunda fase de triagem, onde se pede ao candidato que demonstre as suas competências técnicas ao conseguir resolver algum problema/set de problemas que estejam relacionados com as funções a desenvolver no futuro. Se tudo correr bem, então avança-se com uma relação mais próxima e mais segura, que pode começar pelos famosos

"recibos verdes", por um contrato a termo incerto ou um contrato com termo em 6 meses.

Alguns tempo depois, ainda que as coisas corram bem e que os contratos a termo sejam renovados, possivelmente quando chegar a altura de se celebrar um contrato sem termo, com título de efectividade, talvez seja preferível dispensar os serviços dessa pessoa e publicar um novo anúncio a procurar uma nova pessoa.

A minha pergunta é: qual é o mal de seguir o outro caminho? Se eu conheço o director, ou um chefe inferior, da empresa porque é que eu não poderia seguir o caminho mais curto, que passa por uma chamada telefónica, ou eventualmente um convite para um jantar entre amigos em casa. Também a empresa ganhará com este novo método, uma vez que o processo de recrutamento é mais célere e mais rapidamente conta com um novo elemento para desenvolver as funções estipuladas.

Não será também uma demonstração de inteligência saber utilizar os recursos que a vida nos deu através das nossas amizades e dos conhecimentos que fomos sedimentando ao longo do tempo? Então, porque penalizar socialmente esta opção? Como já referi, compreendo que não pode ser uma via demasiado publicitada, mas isso não é sinónimo de ser marginalizada.

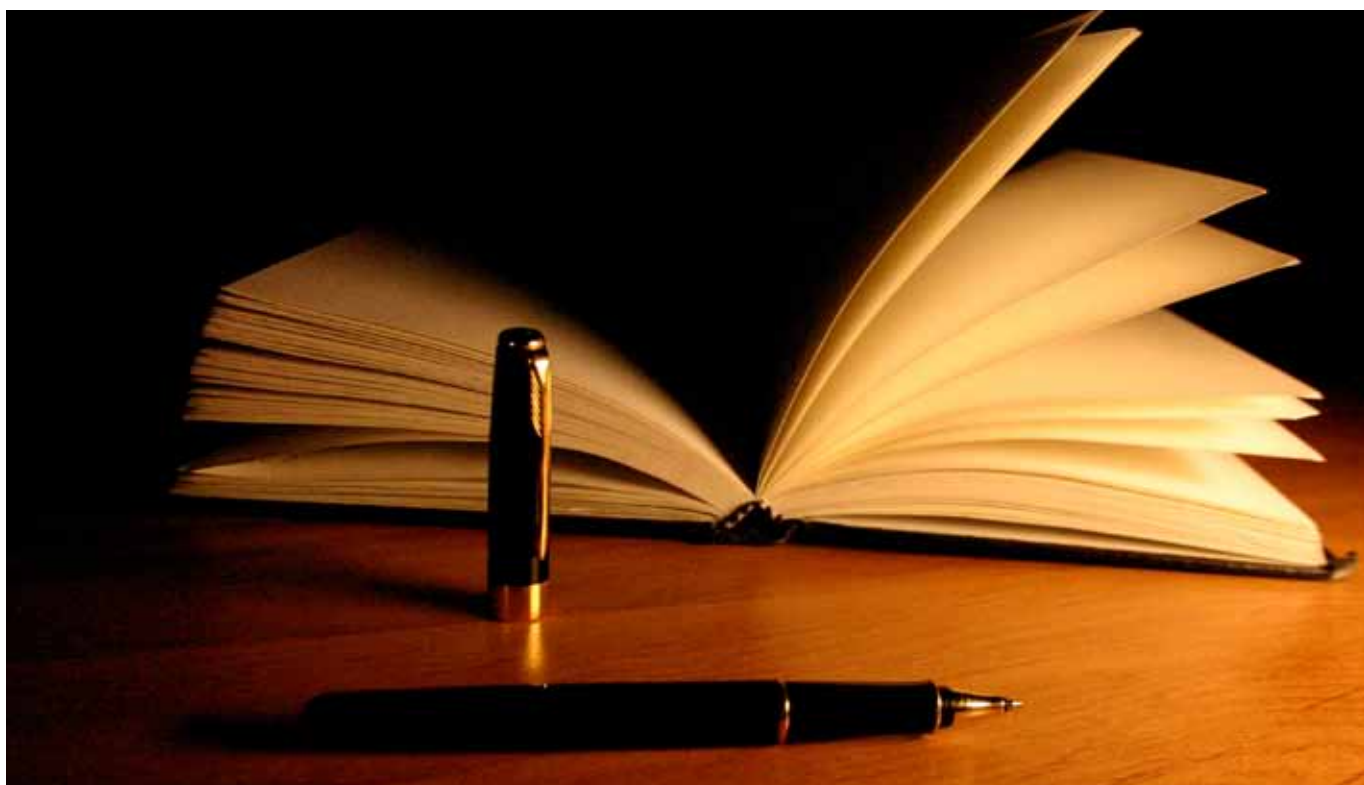
Se eu tenho dinheiro suficiente, porquê perder (ou correr o risco de perder) algo a que dou valor? Se tenho a possibilidade de passar à frente

"Não podemos privilegiar a ideia de que a fortuna e o sucesso se podem conseguir através de manipulações e outras estratégias paralelas"

no atendimento de urgências de um hospital público, porque não fazê-lo se isso é importante para o meu bem-estar? Se sou loira e sei que o meu chefe, a quem quero pedir uma promoção, gosta de loiras, porque não aproveitar esse conhecimento a meu favor?

Porque está errado socialmente, para mim, não é resposta, nem pode ser, porque se já a sabemos antes de reflectir sobre o assunto, então estamos a aprisionar a nossa liberdade de escolha.

No final, o que eu defendo é que todos os caminhos sejam considerados válidos e não condenáveis. Cada um, mediante o seu leque de oportunidades, e mediante a situação em que se encontra, escolhe então que caminho percorrer. •



Filhos da Política

Mosath





No bar de um restaurante, às 21 horas de uma Quinta-feira um pouquinho distante, odores de tabaco são respirados e pratos com restos visualizados. Dois amigos trocam assentimentos.

ACTO I

Sebastião (*de copo de whisky na mão direita, na qual falta o dedo mindinho*) – Oh, pá! Então e esta crise diária!? O raio daquele político no outro dia veio cheio de papo para a entrevista, apelando ao esforço comum... (*Engrossando o tom de voz*) Mas qual comum, pá?! É sempre para o mesmo lado, o dos desgraçados, que isto tomaba. Estupores.

Isidro – (*aspirando melancolicamente a cigarrilha*) – É verdade, companheiro! Andam sempre a enfiar a mão no bolso de quem menos tem e, mesmo com ele vazio, persistem em bulir para mais algum...

Lá em casa, quando assistimos ao raio dos noticiários, é certinho: surgem as peças acerca destas verdades e eu desato a puxar de nomes para aqueles abutres emproados. A mulher já sabe, é que nem vale a pena intervir; já os miúdos, bem, eles lá vão aprendendo o que é o mundo, tal e qual aprendi...

Sebastião – É! Que lata absurda, desses gajos. Roubam a caixa da loja de um pobre e ainda a deitam abaixo. Descaradamente, os políticos sobem na vida pelas escadas de uma ostentação de corrupção às claras; uns filhos da...

Isidro – Da...

E é que não posso meter na cabeça que andam todos os dias a mentir ao povo e depois vêm de joelhos implorar por mais um pequenina ajuda, gorda. Eu nem aos meus pais pedi tanto... Não têm é vergonha naquelas caras infestadas de base e o povo é francamente mole!

Sebastião – Sabes, Isidro? Esses tipos da política só vivem para uma coisa: corrupção. De sorrisinho na cara, assinam papéis, fazem telefonemas e jantam com os amigos.

Isidro – Exactamente!

Sebastião – Isto está cada vez pior, acredita. Ainda no outro dia, queria estar a ter uma conversa com o vizinho do lado e quando disse estas verdades

acerca dos políticos, o homem começa com respostas de não-sei-quê e filosofias... Olha não percebi nada daquilo, de certeza que ganha também algum por debaixo da porta.

Onde é que já se viu concordar com estas ideias dos políticos que temos? Mafiosos! Senhores que nos tiram e voltam a tirar; pelo menos, o Salazar fazia todo o trabalhinho de casa e isto andava certinho e direitinho, a vaidade era decapitada e o respeitinho era coisa muito bonita.

Isidro – Esta malta que concorda com esforço, eles já têm é a vidinha aprontada e com babete no pescoço.

Sebastião – Eu se fosse novo, ia para fora. Este país não vai a lado nenhum e até tenho vergonha.

Isidro – Aquilo de nos juntarmos a Espanha... olha que eu concordo, ao menos os nossos bolsos enchiam.

Uma hora depois, Jerónimo entra e senta-se ao canto. Isidro e Sebastião conversam agora mais descontraidamente.

Sebastião – ... e então ela pergunta: "Mas era um cavalo?" E ele: "Não, não, mas era tão grande como tu."

Isidro (*às gargalhadas*) – Ai, não posso! Do melhor que já me contaram!

Sebastião (*virando-se amigavelmente*) – E tu, Jerónimo, estás aí tão caladinho, o que é que achas que devíamos fazer a estes políticos? Creio que nunca falámos contigo deste tópico. As pessoas comentam sobre ti e o teu Satanismo, por cá... para ti, era matar todos os políticos, não?

Isidro – Como é que estás, meu jovem? Não te temos visto por aqui, ultimamente... Creio que a última vez foi há uma semana ou estarei errado, Sebastião?

Sebastião – Sim, sim, foi, rigorosamente há uma semana atrás...

Jerónimo – Ah... Sim...

Eu cá estou bem-disposto, está tudo dentro do normal, a batalhar, quando possível!

(*Rindo com elegância*) E os senhores, como é que vão esses ossos?

Sebastião (*a rir para o Isidro*) – Vamos indo, sabes como é... Os ossos já não são o que eram, mas a gente tem que suportar.

Isidro – Uns dias são melhores, uns piores... É assim a vida, rapaz! Bem, sobre o que falávamos: política actual. O que é que tens para dizer-nos, Jerónimo? Ares de tragédia, estes, hein?

Jerónimo – Política, a estas horas?

Sebastião – Sim, Jerónimo, é sobre isso. Essa malandra que nos soca o peito todos os dias. O que é que pensas dela, meu jovem?

Jerónimo – Talvez não estejamos na melhor situação, deveras, mas não apoio em absoluto os fatalismos. Na minha opinião, temos ainda a linha do horizonte como janela a abrir e para além desta outras passagens e entradas. Porque é que ficamos apenas a olhar para a linha do horizonte a triturar palavras de derrota?

Isidro – Hein? Decoraste algum livro, pá?

Jerónimo (*sorrindo e acendendo a cigarrilha ao Isidro*)

Ora, que me lembre, não...

A caneta da minha mente é que começou a bulir... Mas acho, sim, que vivemos tempos ruins, embora considere que no ruim existe desafio e os desafios servem para enrijecer para nada ter que permanecer da forma mais ingrata.

Isidro – Mas o que é que o povo pode fazer contra os tubarões?

Jerónimo – O povo deve ser criativo, inteligente e concentrado. Tem que deixar de ficar à espera. Se não se faz nada para evoluir o país, cada cidadão, como

"Esses tipos da política só vivem para uma coisa: corrupção"



“Talvez não estejamos na melhor situação, deveras, mas não apoio em absoluto os fatalismos”

é que se pode desejar bonança? Quem é que fará alguma coisa, a não sermos nós? O Homem nasceu para conquistar o seu prémio, temos o prémio, há que limpá-lo da imundice. E chega de aguardar por D. Sebastião, chega de nevoeiros, chega de quezílias, chega de zeros criativos, chega de estupidez.

O país é nosso, temos tantas virtudes e precisamos de validar reais obras e glórias.

Sebastião – Não deve ser nada disso.... As pessoas estão fartas de promessas dos políticos. Percebes?

Jerónimo – O que eu percebo é que é imperativo rasgar com o marasmo, explodir nas águas da passividade e na crítica sem fundamento, estourar com a estupidez e o facilitismo ao desbarato.

É muito bonito criticar o outro, ao invés de fazer algo extraordinário, não esperando tanto que um outro o faça. Se temos alguma coisa a ensinar, devemos fazê-lo sem delongas. Para mim, com honestidade, o Português tem que assimilar o vencer com o propósito do predador e nem todos os dias perder com as lágrimas de presa, quando assim perder, deve deixar de estar descomposto e partir à aprendizagem com mais garra.

Isidro – Os nossos políticos não lutam por nós, eles lá estão nos palanques para as fotografias e aos cumprimentos de mão. No que toca a erguer as famílias, acobardam-se e falham por convicção incrustada na máfia.

Jerónimo – Ninguém cai num sítio por milagre, logo quero que as pessoas percebam que a vida é esta e não outra, que o jogo é este e depois vem a nova tomada de decisões. A culpa nunca nasce ou morre solteira, a percepção de que pode lançar-se os dados numa melhor mesa é motivadora, pois uma liberdade e uma escolha são meros joguetes da responsabilidade individual. Os irresponsáveis é que são os mais frustrados. Claro que, de modo social, estou do vosso lado, mas precisamos de cultivar a ideia de que avançar contra a corrente traz feridas mas doravante recompen-

sa, visto que certifica na sua própria naturalidade aquilo que intitulamos de autenticidade, assim como capacidade de viver feliz, ou, pelo menos, sede de mais satisfação, com os rastilhos que conduzem a objectivos pessoais...

Há que ter orgulho na História, há que perceber como é que se fez o que se fez e o porquê. O Homem tem que recordar que é, em virtude, formatado para assimilar, ser, fazer, ao invés de decorar, fingir, rastejar por altruísmo estúpido.

Sebastião – (com o tom de voz perturbado) Pois, é isso tudo... Estamos cada vez piores, é tudo o que digo. Não me lembro de uma situação tão má desde que me casei e o casamento já aconteceu há bastantes anos... Vou também começar a enfiar dinheiro ao bolso, passar a perna a alguma malta e assim pode ser que fique numa posição mais confortável, a exemplo de uns milhares ou milhões de corruptos que vivem neste país. É que toda a gente pode reparar que quem é brando e mole, é fornicado a quanto força haja...

Jerónimo – É impressionante ver toda a gente a falar em dinheiros, números e taxas, quando nada disso resolve os problemas na sua raiz, que são pois princípios, bases e condutas.





Sebastião - Crês que nada do que dizem nas notícias é importante de se dizer?

Jerónimo - Praticamente nada; são, sobretudo, matérias para tapar discursos e sobressaltar ainda mais as opiniões públicas mais desinformadas. Temos todos que reflectir no que precisamos e queremos. E então aí caminhar bem, com firmeza. O país tem tantas riquezas naturais, tantos bens e mesmo assim desiste, deita-se para o chão e treme de frio. O ruído é ensurdecedor. Não pode haver passividade, se existe um problema, alguém tem que actuar ou deixar alguém actuar, no mínimo, mas o ruído já é tanto que... chegamos, desta feita, a outros detalhes gordos: a inveja, o soslaio infame e a desgraça psicológica que em nada interessam à nossa demanda.

Isidro - Mas estes políticos são umas bestas, só sorriem por conveniência, metem ao bolso e achincalham!

Jerónimo - Se sabemos disso, o que é que falta para o primeiro passo, o desembainhar da espada? Não nos leva a lado nenhum repetir o óbvio, há que contrariar o óbvio, esmurra-lo. Temos que exigir, igualmente praticar, fiscalizar, instruir e, acima de tudo, não parar.

Isidro - Pois, mas eles são corruptos e safam-se.

Jerónimo - Não nos podemos acomodar a isso. Perceber o que é errado e dizê-lo para o ar, mas não agir em concreto, ainda assim, em melhor jeito não leva a lado algum, pois, muitas vezes, constatar uma coisa oralmente e ficar-se por aí, ajuda à proliferação dessa mesma coisa, um comodismo fatal. Aquilo que não é um não nem é um sim torna-se um "nim" e de "nims" está a sociedade cheia, daí provar-vos que a mesma leva com a cinematografia do que merece.

ACTO II

Jerónimo chega a sua casa e instala-se meditativo no seu sofá redondo.

Jerónimo (*a falar com firmeza, ao mesmo tempo que foca um ponto distante da sala*) - Sei que posso alterar o rumo das coisas, no meio em que estou inserido. Possui a capacidade de atingir os meus objectivos, por intermédio do meu conhecimento, das minhas ritualizações e da minha natureza. Como qualquer Satanista, anseio obter o

"Se não se faz nada para evoluir o país, cada cidadão, como é que se pode desejar bonança?"

prazer das minhas realizações, empenhando-me em prol das minhas vitórias para o engrandecimento do ego. Jamais revejo a minha face no espelho desta sociedade, mas desconfio que existem mais indivíduos por aí com esta semelhante atitude. É por querer colaborar com as forças deles que preciso de iniciar uma nova etapa, a de fundar o primeiro partido assente nas bases gerais da ideologia de vida satânica. É chegado o momento! As energias que correm dentro destas veias são adequadas ao virar dos tempos e da conquista de horizontes que realmente sejam dignos ante a grandeza humana. Tenho que provar que é possível romper com a hipocrisia de brandos costumes, que é possível fazer as coisas acontecerem em melhor plano, começando a olhar por prazer para o umbigo e logo transpor cá para fora a matéria motivadora e construtiva. Deixará de ser uma mera utopia o cenário de uma sociedade que se rege pelos trâmites satânicos, pela coroação do mérito, pela valorização do individualismo e pela ostentação de uma natureza superior e genuinamente criativa, conquistadora, imemorável e que respira pelos narizes da glória dos instintos.

Tenho que colocar-me em caminho para também perceber de que forma os indivíduos mais ignorantes, mais conscientemente reticentes, poderão observar novas paisagens dos meus ideais; vamos aguçar os interesses. O partido satânico nascerá para confrontar-se com a mesquinhez, corrupção, hipocrisia, os costumes demagogos, a fraqueza de carácter e, sobretudo, para sublinhar e colocar à luz dos dias e à escuridão das noites a beleza da arte criativa, intervenção inteligente, franca e firme percepção da realidade e do romper com as formatações evangélicas e de bitola rasteira, marcando então no presente dos dias a essência das glórias antigas, bem como excitando os sentidos para a transformação das coisas, em oposição à estupidez, às massas das invejas e aos subornos de falhas, enquanto individualismos naturais.

ACTO III

Um mês depois. As vidas das pessoas prosseguem normalmente, mas no ar começa a pairar um odor particular, uma sensação de vertigem; o ceptro da mudança...

No restaurante, os dois amigos passam o seu tempo. Surge na acção o empregado de bar, o João.

Sebastião - Espera aí! Quem é aquele na televisão?

O João, faz o favor de aumentar o volume!

(João usa o telecomando)

Sebastião - Ui! Mas é o Jerónimo! O que é que ele faz ali?

Isidro (*a coçar na cabeça*) - Pois é! Olha que esta agora... Surpreendente!

João - Estão a dizer que ele encabeça um novo partido. É o PNSP.

Isidro - Partido de Núcleo Satânico Português. Mas ele não nos contou nada! Contou-te alguma coisa, ò Sebastião?

Sebastião (*puxando pela memória*) - Não! Ele nada me disse, é a primeira vez que ouço falar em tal coisa, mas que raios... Ui, mas olha que não há-de ir longe com isto, não. Onde é que isto já se viu? Ficará envergonhado a valer, o rapazola. Com toda aquela carga na sigla...

Decerto, ainda acaba processado por alguém!

João - Quererá ele avançar com programa eleitoral e listas e tudo a que há direito ou tratar-se-á somente da apresentação fácil do partido?

Sebastião - Pelo que diz para ali, em texto reduzido, o Jerónimo já reúne condições para ter listas. Corre para ser eleito como os demais. Ou é de mim ou é mais um que arranjou um tacho jeitoso para ele próprio, só pode, tenho dito...

Isidro - Às tantas...

Toda a postura dele connosco, às tantas já tem quem lhe limpe o rabinho nisto tudo.

Ai, pá, quando eu o vir, vou dizer-lhe das boas! Que fantochada...

Sebastião - João, desliga-me essa porcaria.



ACTO IV

No bar de um restaurante, às 21 horas de uma Quinta-feira recente, odores de tabaco são respirados e pratos com restos visualizados. Os dois amigos, Isidro e Sebastião trocam assentimentos sobre nada e sobre tudo. Entre brindes sem qualquer importância concreta, Jerónimo entra no restaurante e no seu rosto traz a convicção daquilo que é e sempre foi.

Jerónimo – Boa noite, meus senhores!

Isidro – Boa noite.

Sebastião (*a passar a mão pela testa, surpreendido*) – Hum, boa noite...

Jerónimo – Então, como é que estão? Está uma bela noite. Vim aqui tomar apenas um café e volto a arrepiar caminho.

Sebastião – Ah sim? Fazes muito bem...

Isidro – Estamos bem, meu rapaz. Sabes como é, sobrevivendo... Então e tu? Bela de uma surpresa, isso do teu partido Não estávamos nada à espera!

Jerónimo – Pois, acredito. Mas o mundo é feito de surpresas, neste caso trata-se até, mais do que uma surpresa, uma inevitabilidade, que é uma das leis cósmicas de base. Mais cedo ou mais tarde, isso lograria nas minhas mãos. E também estou bem, Isidro, obrigado por perguntar.

Isidro – Então vais evangelizar?

Jerónimo – A igreja fica ali no monte! Concentro-me com indivíduos capazes e de semelhante visão do mundo, nada mais.

Sebastião – Realmente

Ah! Uma grande surpresa. Espero que ande a correr tudo bem... Como é ser da política? Deves estar realmente na berra.

Isidro (*tossindo forçadamente*) – Pois...

Jerónimo – É um trabalho bastante exigente, algo que é natural, é uma função que enquadra tudo aquilo que de momento represento, ou seja, pensamento, criatividade, estrutura minuciosa, acção, mérito, ideias construtivas e cooperação objectiva. Percebo que não esperavam tão rápida e directa decisão pela minha parte, mas necessitava deste prazer/dever de transformação mundana. É isto que me define: alcançar. A minha vontade é a minha marca, a minha marca é a vontade alcançada. Tenho conhecido muita gente interessante, interessada em cooperar com os meus ideais e interessada em subir no engrandecimento da pátria. Sei que quem compreende a premência da vida aprazível é alguém autêntico e adversário do obsoleto. Acorde-se o fausto; massage-se a honra; cuide-se a eficácia; acorde-se!

Sebastião – Ah, certíssimo, deves andar a conhecer muita gente, boa gente, deves... Até posso para aqui imaginar o que tens encaixado à pala disso.

Jerónimo – Refira-se, então, aos muitos indivíduos briosos e que no meu partido observam ferramentas úteis para as suas próprias batalhas, indivíduos interessantes com ópticas interessantes. Tenho encaixado muita satisfação pessoal, isso, sem dúvida. A componente ideológica tem ganho muito com o meu percurso até agora, reflectindo na natu-

“O país tem tantas riquezas naturais, tantos bens e mesmo assim desiste, deita-se para o chão e treme de frio. O ruído é ensurdecedor”

reza que em mim flui: o ego engrandecido e activo.

Isidro – E a componente dos bolsos?

Jerónimo – O mesmo de sempre, não enche fora do estipulado. Devia?

Sebastião – Capaz, capaz... logicamente que deve encher até deixares cair no chão, mas apanhas de imediato! Que outro cenário querias com a política que nos pensássemos? Ora, por favor, não contes histórias...

Isidro – Sim, Jerónimo, poupanos... E lá com a merda dos votos que vieste aqui pedir à gente, esta noite.

(Sebastião e Isidro em uníssono) – Pois!

Sebastião (*num tom de voz enervado*) – Queres, pois, depois que vote em ti, não queres?

Jerónimo – Em mim? Não, meu caro!

Sebastião – Não?! Porra, como é que não queres que vote em ti?

Jerónimo – Vote antes em si. Jamais esqueça isto! Vote em si.

(Jerónimo termina o café, acena para os dois amigos e sai para o escuro e a oportunidade infinita da noite)

Isidro (*pensativo, olhando para a porta da rua, aspirando a sua cigarrilha e não se importando com a cinza que dela cai no seu próprio joelho*) – O que é que achas que ele queria dizer com aquilo de votares em ti?

Sebastião (*arrotando alto*) – Não sei, amigo, mas veremos se a resposta para isso se encontra no fundo deste copo... •







Uma amostra do que temos feito em

5 ANOS

HellOutro
Enterprises
2006-2011